

# ***“Eu carrego o nome dos meus pais”*: Reflexões de jovens acerca da MGF e Casamentos Forçados**

**Resultados de estudos PEER em Londres, Amesterdão e Lisboa**

Joanne Hemmings, PhD (Options) e Saria Khalifa (FORWARD)

Novembro de 2013



Options UK  
effective solutions and design for health



**IKWRO**  
IRANIAN AND KURDISH  
WOMEN'S RIGHTS ORGANISATION

**F:WARD**  
*Safeguarding rights & dignity*

Este trabalho é licenciado pela Creative Commons Attribution - Non Commercial – ShareAlike 3.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

#### Você é livre:

- copiar, distribuir e transmitir o trabalho
- adaptar o trabalho

#### Sobre as seguintes condições:

- **Atribuição:** Deve atribuir o trabalho especificamente ao autor ou licenciante (mas não sugerindo que estes o apoiam ou subscrevem o seu uso da obra).
- **Não comercial:** Não deve usar este trabalho ou a marca PEER para fins comerciais sem a permissão expressa da Options, Serviços de Consultoria.
- **Partilha:** Se alterar, transformar ou ampliar esta obra, só pode distribuir a obra resultante sob uma licença igual ou similar a esta.
- Para qualquer reutilização ou distribuição, deve deixar claro os termos da licença deste trabalho. A melhor forma de o fazer é através de um *link* para a página web.
- Qualquer uma destas condições supra mencionadas pode ser anulada pela obtenção de permissão do detentor dos direitos de autor.
- Nada nesta licença prejudica ou restringe os direitos morais do autor.
- A tradução para Português foi da responsabilidade da APF e tentou sempre que possível utilizar linguagem inclusiva

### Aviso Legal

Os pontos de vista e as opiniões expressas neste relatório são os do(s) autor(es) e não representam necessariamente os do cliente.

### Contacto

- Fundação para a Investigação e Desenvolvimento da Saúde da Mulher (FORWARD) (Londres) - [www.forwarduk.org.uk](http://www.forwarduk.org.uk)
- Associação para o Planeamento da Família (APF) (Lisboa) - [www.apf.pt](http://www.apf.pt)
- Organização dos Direitos das Mulheres Iranianas e Curdas (IKWRO) – [www.ikwro.org.uk](http://www.ikwro.org.uk)
- Federação de Associações Somali nos Países Baixos (FSAN) (Amesterdão) - [www.fsan.nl](http://www.fsan.nl)

## AGRADECIMENTOS

Os autores, em primeiro lugar, gostariam de agradecer aos jovens mulheres e homens de Lisboa, dos Países Baixos e de Londres, que deram o seu tempo e compromisso como investigadores e supervisores da Avaliação e Investigação Participativa Etnográfica (Participatory Ethnographic Evaluation and Research - PEER), dando todo o seu apoio a este estudo. Gostaríamos também de agradecer aos entrevistados que participaram das discussões com eles para gerar dados para o projeto.

Somos muito gratos ao pessoal da Associação para o Planeamento da Família (APF) (Lisboa), da Organização dos Direitos das Mulheres Iranianas e Curdas (IKWRO) e Fundação para a Investigação e Desenvolvimento da Saúde da Mulher (FORWARD) (Londres) e da Federação de Associações Somali nos Países Baixos (FSAN) (Amesterdão), que coordenaram e supervisionaram o estudo.

Estamos também muito gratos à contribuição financeira da Comissão Europeia (Projeto Daphne III), que permitiu esta pesquisa.

## ÍNDICE

ABREVIATURAS.....	5
GLOSSÁRIO.....	5
SUMÁRIO EXECUTIVO.....	6
1 INTRODUÇÃO.....	10
2 MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO .....	11
3 MGF E CASAMENTOS FORÇADOS NO CONTEXTO NACIONAL .....	16
4 RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO.....	27
4.1 Estrutura do Relatório.....	27
4.2 Contexto: Identidades complexas e diversas.....	27
4.2.1 Negociando diferentes visões do Mundo e valores sociais.....	28
4.2.2 Pressões familiares e expectativas dos jovens sobre Educação e Casamento.....	31
4.2.3 Desafios e Oportunidades .....	32
4.2.4 Papéis de género, Estatuto Social e Regras.....	33
4.3 Níveis de consciencialização e conhecimento.....	34
4.3.1 MGF nos dados de Lisboa .....	34
4.3.2 MGF nos dados de Londres e Amesterdão.....	41
4.3.3 Casamentos Forçados.....	44
4.4 Fontes de Informação .....	53
5 DISCUSSÃO E IMPLICAÇÕES .....	57
ANEXO 1: Avisos da Entrevista PEER .....	62
ANEXO 2: Histórias Seleccionadas .....	69

## SIGLAS

APPG	Grupos Parlamentares Transpartidários
CPS	Serviço de Acusação da Coroa
MGF	Mutilação Genital Feminina
NGO	Organização Não-Governamental
PEER	Avaliação e Investigação Participativa Etnográfica
FSAN	Federation of Somali Associations in the Netherlands - Federação de Associações Somali nos Países Baixos
FORWARD	Foundation for Women's Health, Research and Development - Fundação para a Investigação e Desenvolvimento da Saúde da Mulher
APF	Associação para o Planeamento da Família
IKWRO	Iranian and Kurdish Women's Rights Organisation - Organização dos Direitos das Mulheres Iranianas e Curdas
CREATE Youth-Net	Campanha pelos Direitos, Educação, Acesso, Transformação e Envolvimento Juvenil e pelo fim de práticas nefastas na Europa

## GLOSSÁRIO

<i>Fanado</i>	Ritual envolvendo a MGF (Guiné-Bissau)
<i>Fanateca</i>	A pessoa que realiza o corte (Guiné-Bissau)
<i>Tabanca</i>	Aldeias no interior (da Guiné-Bissau)
<i>Heropvoeding</i>	'Reabilitação cultural' (Alemão)

## SUMÁRIO EXECUTIVO

### INTRODUÇÃO

Este Relatório apresenta os resultados de três estudos de Avaliação e Investigação Participativa Etnográfica (Participatory Ethnographic Evaluation and Research - PEER), levados a cabo como parte do projeto CREATE Youth-Net, cujos objetivos passam por salvaguardar jovens raparigas em três países europeus (Reino Unido, Portugal e Países Baixos) de práticas nefastas, em particular a Mutilação Genital Feminina (MGF) e Casamentos Forçados. O projeto de dois anos é financiado pelo programa Daphne da Comissão Europeia e liderado pela Fundação para a Investigação e Desenvolvimento da Saúde da Mulher (FORWARD, UK), em parceria com a Federação de Associações Somali nos Países Baixos (FSAN), a Associação para o Planeamento da Família (APF) e a Organização dos Direitos das Mulheres Iranianas e Curdas (IKWRO).

Vinte e oito jovens de ambos os sexos e de diversas etnias foram recrutados pelos parceiros do projeto em Lisboa, Amesterdão e Londres para atuarem como investigadores PEER. Com idades compreendidas entre 18-29 anos e idade média de 23 anos. Foram formados para a realização de entrevistas de conversação bem como em aspetos éticos em investigação, e selecionaram três amigos/as de confiança para com estes conduzirem discussões profundas. Um total de 82 pessoas participaram. Nas entrevistas foram abordados diversos temas, incluindo experiências de migração, género e normas sociais, noções de identidade cultural e práticas nefastas, incluindo a MGF e os Casamentos Forçados.

### PRINCIPAIS CONCLUSÕES

**Contexto Social e Cultural:** As pessoas entrevistadas vieram de uma gama diversificada de contextos culturais, com diferentes circunstâncias pessoais e histórias de migração. Apesar disso, os resultados mostram que uma série de temas são transversais independentemente de fronteiras étnicas, migratórias e nacionais. Estes, incluíam a forma como a migração para a Europa afeta a ideologia e valores, e como isso tem um impacto sobre as relações com as gerações mais velhas bem como ao nível das noções de identidade cultural e normas sociais.

Enquanto jovens migrantes de primeira ou segunda geração valorizam os direitos humanos, escolhas e liberdade, mas também mantêm o respeito pelos mais velhos. Além disso, o conceito do nome de família ou honra - muitas vezes intimamente ligado à manutenção da virgindade feminina antes do casamento - permanece um valor influente no dia-a-dia das jovens mulheres em particular. Os jovens estavam dispostos a questionar e criticar elementos da sua cultura, mantendo aqueles que percebem enquanto benéficos, rejeitando aqueles que não são.

**MGF:** Os/as jovens guineenses em Portugal tinham altos níveis de conhecimento sobre a MGF e suas consequências, devido à exposição em primeira mão da prática na Guiné-Bissau. Ao compilar os seus dados, uma imagem detalhada da prática da mutilação genital feminina na Guiné-Bissau pode ser descrita como um processo através do qual as meninas se submetem à MGF como parte de um ritual de passagem chamado *fanado*. Todos, com exceção de dois, entrevistados opunham-se à prática, e vários já tinham, inclusivamente, tentado (embora sem sucesso) influenciar pessoas da sua própria família para abandonarem a prática. O conhecimento sobre a MGF em Londres e nos Holanda foi mais variado: alguns entrevistados (normalmente aqueles que vieram de países onde a MGF não é altamente prevalente) só sabiam sobre o assunto como resultado da cobertura dos media, enquanto que outros (em particular, os do Corno de África e de partes da África Ocidental) tinham amigos e parentes que foram afetados. Não houve nenhuma indicação de apoio à MGF entre os entrevistados em Londres e na Holanda. Os jovens na Holanda, de ascendência somali, acreditam que a MGF não era mais um problema iria afetá-los, apesar de reconhecerem que os novos migrantes podem, ainda, apoiar a prática.

**Casamentos Forçados:** Em Amesterdão, o casamento forçado é considerado como de pouca relevância para a comunidade somali (embora exemplos tenham sido dados relatando casos de raparigas que casaram quando foram enviadas de volta para a Somália para “reabilitação cultural”). Os entrevistados em Lisboa reportaram um número de histórias de casamentos forçados, sugerindo que muitas jovens guineenses tiveram uma experiência pessoal de casamentos forçados ou prematuros. Falam dos casamentos forçados como uma extensão natural do sistema social patriarcal: falta de voz das jovens mulheres e o estatuto ‘sagrado’ da palavra do pai. É também o resultado de elevados níveis de pobreza: o facto de as famílias receberem benefícios materiais do casamento das suas filhas. Isto significa que as jovens mulheres podem ser obrigadas a casar sem o seu consentimento – normalmente com homens muito mais velhos. Em Londres, um pequeno número de entrevistados tinham amigas ou sabia

de outros conterrâneos que experienciaram casamentos forçados. A maioria disse que era mais um problema no exterior ou algo que afetou as gerações anteriores. Os jovens em Londres e Lisboa descreveram em detalhe os resultados potencialmente catastróficos do casamento forçado, reconhecendo que nestes casamentos as mulheres são por diversas vezes vítimas de abuso físico e psicológico. Contudo, existe uma mais evidente ambiguidade moral em relação ao casamento forçado, do que em torno da MGF. Alguns jovens entrevistados argumentaram que, em certos casos, o casamento forçado foi o resultado de um ato de desespero da parte dos pais, acreditando que estes visavam precaver os melhores interesses das suas filhas.

**Comunicações:** Para o casamento forçado e a MGF, existem baixos níveis de sensibilização junto dos jovens acerca das organizações que podem oferecer ajuda, informação ou suporte. Contudo, os jovens têm muitas ideias para melhorar as comunicações em ambos os temas, incluindo trabalhar com escolas e promover visibilidade online e nos *media*.

## IMPLICAÇÕES

Estes resultados suportam a colocação do ênfase do projeto no empoderamento dos/as jovens como agentes de mudança: estão abertos à ideia da cultura ser adaptável (mantendo certos aspetos mas afastando-se das práticas nefastas) querendo contribuir para o fim dessas práticas. Dignidade humana, liberdade e oportunidade para o auto desenvolvimento foram valores importantes para a maioria dos entrevistados. Contudo, os estudos PEER também identificaram alguns desafios potenciais que necessitam de ser tratados, nomeadamente a nível político e da gestão de programas.

**Ajudando os jovens a negociar as estruturas idade/poder:** Muitos jovens simultaneamente valorizam e respeitam a geração mais velha embora não concordem com alguns dos seus valores e práticas. É difícil para eles questionar os pontos de vista do “mais velho e sábio”. Consequentemente pode ser difícil esperar que os jovens denunciem os seus pais. Embora alguns jovens digam que a MGF já não é um assunto tabu, eles ainda se sentem desconfortáveis em falar com os seus pais acerca disso. Os jovens vão necessitar de apoio na complexa tarefa de desenvolver a confiança necessária e modos para falar sobre a MGF e o Casamentos Forçados, mantendo uma relação respeitosa com as gerações mais velhas.

**Combater a ambiguidade e a aceitação em relação ao Casamento Forçado:** Alguns jovens são solidários com o casamento forçado em certos contextos não estando claro para eles quando é que um casamento arranjado torna-se forçado. Outros, ainda, não souberam como reagir quando confrontados com um caso de casamento forçado. Providenciar formação prática para que se



possa apoiar raparigas alvo desta situação, bem como ações de sensibilização no âmbito dos direitos humanos e do seu carácter universal, poderão ser estratégias importantes para o projeto.

**Localizar e fazer do problema uma situação mais premente:** As questões do casamento forçado e MGF foram vistos como sendo questões que se passam principalmente nos “países de origem” (em vez de na Europa) ou no passado. É necessário encontrar estratégias que façam com que estas questões se mantenham pertinentes a nível Europeu. Isto indica que que casos reais e provas sejam determinantes para promover a sensibilização face ao tema, nomeadamente no que diz respeito aos jovens.

**Apoiar jovens advogados:** Muitos jovens, particularmente os guineenses em Portugal, foram pessoalmente afetados por práticas nefastas (por exemplo, perdendo amigas para o casamento forçado ou sendo afetadas pela MGF). O projeto deve ser sensível a este facto e os mecanismos de apoio devem estar mobilizados para responder às suas necessidades. Os jovens identificam-se com os seus pares e, como tal, é importante garantir o acesso a vários canais de suporte, incluindo apoio *peer to peer*, a nível local.

**Reconhecendo similitudes e diferenças entre os assuntos:** Em algumas comunidades (tais como as descritas pelos jovens guineenses) a MGF e o casamento forçado estão intimamente ligados. Ambas as práticas compartilham muitas das mesmas causas subjacentes (incluindo o controle da sexualidade feminina). No entanto, algumas comunidades são afetadas por uma prática mas não por outra, e há diferenças importantes na forma como a MGF e os Casamentos Forçados são compreendidos e falados pelos jovens, algo que é necessário ser considerado aquando do desenvolvimento de abordagens para lidar com estes temas.

**Sensibilidades de linguagem e adequação:** A paixão e determinação expressa por muitos jovens para acabar com a MGF e o casamento forçado são extremamente encorajadoras. No entanto, os jovens advogados/as podem precisar de ser aconselhados sobre a linguagem a utilizar em torno desses assuntos a qual deve ser o mais sensível possível, ajudando-os a canalizar as suas energias de forma produtiva (por exemplo, evitando linguagem que pode ser vista como crítica).

**MGF e casamento forçado num quadro baseado nos direitos:** A MGF e o casamento forçado são manifestações extremas de desigualdade de género e tentativa de controlo sobre a sexualidade de meninas e jovens mulheres. O projeto deverá considerar em que medida aborda as práticas nefastas com expressões de desigualdade de género mas também de que forma vai enfrentar as causas subjacentes às mesmas, muitas das quais que se encontram intimamente ligadas com a cultura e identidade.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 CREATE Youth-Net

CREATE Youth-Net é um projeto (Daphne) de dois anos financiado pela Comissão Europeia e que visa proteger jovens de práticas nefastas. Pretende envolver jovens de três países europeus (Reino Unido, Portugal e Países Baixos) para a construção de uma rede europeia jovens advogados. Irão desenvolver as suas competências e capacidades para desenvolver campanha contra as práticas nefastas, em particular MGF e casamentos forçados, e para providenciar suporte *peer to peer* para as meninas e raparigas afetadas ou em risco. O projeto envolve cinco parceiros e organizações associadas em três países:

- Londres (Reino Unido): FORWARD e IKWRO
- Lisboa (Portugal): APF
- Amsterdão (Holanda): FSAN
- Irlanda: United Youth of Ireland

Uma das primeiras etapas do projeto era trabalhar com os jovens para empreender uma investigação participativa nestas três cidades. O presente relatório apresenta e sintetiza os resultados desse estudo. A pesquisa é essencial para garantir que o projeto é implementado com base nas recomendações, conhecimento e experiências de jovens. Isso garante envolvimento efetivo sobre as questões, bem como a participação juvenil ativa no projeto. A investigação também gera evidências ao nível da compreensão de jovens de cada país acerca das questões da MGF e dos casamentos forçados, permitindo contextualizar e retirar informação sobre o país essencial para a implementação do projeto.

### 1.2 Objetivos do Estudo PEER

Os estudos PEER tiveram os seguintes objetivos gerais:

- Gerar uma base de evidências sobre as experiências, atitudes e percepções dos jovens sobre questões que os afetam;
- Desenvolver a capacidade dos jovens para realizar estudos PEER nos três países, através da participação ativa que aumentou as competências para realizar investigações;
- Desenvolver estratégias para trabalhar e envolver jovens mulheres de comunidades afetadas sobre as questões que enfrentam, concentrando-se na MGF e nos casamentos forçados.

## 2. MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

### 2.1 Introdução à Metodologia PEER

O método PEER surge da abordagem antropológica que identifica a relação de confiança como essencial para a investigação da vida social. PEER envolve pessoas da comunidade alvo ('Investigadores PEER') formadas para realizarem entrevistas profundas com indivíduos por elas selecionadas a partir das suas próprias redes sociais. Como os investigadores PEER já estabeleceram relações de confiança com os seus entrevistados, as entrevistas podem ocorrer após um período relativamente curto de tempo e pode-se explorar questões altamente sensíveis. PEER usa técnicas de entrevista na terceira pessoa, possibilitando a discussão de questões sensíveis. A abordagem permite gerar dados ricos e narrativas sobre os contextos sociais em que as pessoas tomam decisões. Isso proporciona conhecimentos cruciais sobre como as pessoas entendem e negociam o comportamento e as (às vezes ocultas) relações de poder.<sup>1</sup>

### 2.2 Amostra e Recrutamento

Três estudos separados PEER tiveram lugar em Lisboa, Londres e Amesterdão, de julho a setembro de 2013. Os critérios de seleção para os/as investigadores/as PEER foram:

- Investigadores PEER auto identificados como provenientes de uma comunidade/grupo étnico/ que se pensa ser afetado pela MGF e/ou casamentos forçados;
- Disponibilidade para participar no estudo;
- Idade compreendida entre os 18 e os 30 anos.

A maioria dos Investigadores PEER eram tinham nível de educação superior, eram estudantes universitários ou tinham um nível secundário. Uma ampla gama de etnias estava representada (ver Tabela 1). As pessoas de Lisboa nasceram todas na Guiné-Bissau, uma antiga colónia portuguesa, na África Ocidental. Incluíam uma mistura de jovens mulheres e homens, muitos dos quais estavam no último ano do ensino secundário ou estavam a fazer uma licenciatura. Em Amesterdão, todos os investigadores PEER eram do sexo feminino e de ascendência somali, muitos eram estudantes, dois estavam a trabalhar. Os investigadores PEER vieram de Amesterdão ou de vilas e cidades circundantes. O grupo de pesquisadores PEER de Londres era todo do sexo feminino, e era etnicamente diversificado, incluindo curdos, somalis e outras nacionalidades africanas e asiáticas.

<sup>1</sup> Price, NL and K Hawkins (2002) "Researching sexual and reproductive behaviour: A peer ethnographic approach", *Social Science & Medicine*, 55:8, 1327-1338

Este grupo incluía uma mistura de estudantes e jovens a trabalhar a tempo integral. Vinte e oito investigadores/as PEER foram recrutados/as, completando entrevistas a três amigos/as em duas ocasiões (cobrindo diferentes temas durante a primeira e a segunda entrevistas), num total de 82 entrevistados. Um pequeno número de investigadores PEER (2) não entrevistou três pessoas. A maioria das pessoas entrevistadas era do sexo feminino, embora 18 jovens homens também foram entrevistados (11 dos quais em Lisboa). A maioria dos eram ou jovens da Guiné-Bissau (25) ou de origem somali (29). No entanto, uma vasta gama de outras etnias foram representadas, da Ásia, do Corno de África, do Médio Oriente e da África Ocidental.

**Tabela 1: Características do/a Investigador/a PEER e do Entrevistado/a**

	Investig. PEER	Entrevist.
<b>Número de participantes</b>		
Londres	11	33
Lisboa	9	25
Amesterdão	8	24
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>82</b>
<b>Sexo</b>		
Masculino	3	18
Feminino	25	64
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>82</b>
<b>Idade média, anos (intervalo)</b>	<b>23 (18-29)</b>	<b>23 (18-30)</b>
<b>Etnia/País de origem</b>		
Afegão	1	2
Bangladesh	1	4
Guiné-Bissau	9	25
Iraniano	3	4
Curdo	1	3
Outro	0	1
Outro Chifre de África	1	2

Outro Médio Oriente	0	4
Paquistanês	0	3
Somali	11	29
Sul africano	1	5
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>82</b>

<b>Ocupação</b>		
Estudante*	16	34
A trabalhar	12	24
<b>TOTAL</b>	<b>28</b>	<b>58**</b>

\*Muitos dos estudantes estavam também a trabalhar

\*\*Dados acerca da ocupação dos entrevistados em Amesterdão não foram recolhidos

### 2.3 Formação dos Investigadores PEER

Nas três cidades os/as investigadores/as PEER participaram num workshop de três dias onde desenvolveram guiões de entrevista, entrevistas e competências ao nível das anotações. Esses workshops foram facilitados por uma especialista PEER (em Lisboa e Londres) e uma supervisora da FORWARD apoiada por uma consultora externa (em Amesterdão). Em cada cidade, a formação foi apoiada pelos supervisores das organizações parceiras do projeto.

Utilizando os objetivos gerais do estudo PEER, os guiões de entrevista foram desenvolvidos em cada país. Estes incluíam uma série de perguntas, desenhadas para para orientar as entrevistas a serem realizadas pelos investigadores com as pessoas escolhidas do seu círculo social. A formação e os workshops foram realizados no idioma local em Lisboa e Londres (Português e Inglês), com tradução pelo facilitador quando necessário. Em Amsterdão, as sessões foram realizadas em Inglês (todas as pessoas sabiam falar Inglês), embora as discussões/prática da entrevista tenham acontecido em holandês.

O desenho participativo da ferramenta da investigação assegurou que o estudo fosse enquadrado dentro da compreensão conceptual dos investigadores PEER. Todos os temas e perguntas da entrevista foram produzidos na língua local, usando palavras e frases características dos grupos a que os investigadores PEER pertencem e utilizam quando conversam com os amigos. Como os guiões de entrevista foram produzidos por grupos separados de investigadores PEER em cada um dos diferentes contextos sociais, estes diferem de diversas formas. Por exemplo, a maioria do grupo em Amesterdão não sentiu que a MGF ou os Casamento Forçados fossem de grande

importância nas suas vidas quotidianas, escolhendo, ao invés, explorar outros temas (incluindo a identidade cultural) em maior profundidade.

A formação PEER também proporcionou a que a equipa PEER seguisse padrões éticos e de conduta durante o estudo, incluindo: a obtenção do consentimento informado dos entrevistados, a manutenção da confidencialidade e o anonimato dos dados e a sinalização aos entrevistados de serviços de apoio apropriados e informações adicionais, se necessário.

## 2.4 Recolha e Análise dos Dados

Cada membro da equipa PEER realizou duas entrevistas com cada pessoa, em ocasiões separadas. Na primeira entrevista, discutiram uma ampla gama de temas de fundo, o que lhes permitiu desenvolver competências ao nível do questionamento e aprofundamento, bem como permitiu a contextualização dos resultados. Uma vez conquistado este patamar, prosseguiram a discussão para os temas mais sensíveis relacionados com as práticas nefastas, o que aconteceu na segunda entrevista. Os principais temas das entrevistas foram:

- Primeira Entrevista - experiências de ser migrante (identidade, normas de género e expectativas culturais)
- Segunda Entrevista - práticas nefastas (Casamentos Forçados e MGF).

Os Guiões de entrevista para cada país podem ser encontrados no Anexo 1. As pessoas das equipas PEER eram livres de realizar entrevistas no seu idioma de preferência (por exemplo, Somali, Crioulo da Guiné-Bissau).

Os investigadores PEER foram aconselhados a tomar breves notas (usando palavras-chave) durante as entrevistas e a escreverem, posteriormente, relatos detalhados o mais rápido possível. Estes dados da entrevista foram enviadas aos supervisores/as, que se reuniram regularmente com a equipa PEER para analisá-las e fornecer orientações sobre se as notas da entrevista necessitavam de detalhes adicionais ou explicações.

As transcrições das entrevistas foram analisadas tematicamente pela autora do relatório, através de um workshop de análise inicial, realizado com a presença das supervisoras da FORWARD e da IKWRO.

Citações são usadas extensivamente ao longo de todo o relatório, para ilustrar temas importantes, casos não usuais, ou histórias que exemplificam um ponto particular. Citações são atribuídas a cada entrevistado usando um código para garantir o anonimato. Os códigos são construídos da forma que se segue:

**Exemplo de código: LF3.GB.25**

**1º caracter:** localização (L = Lisboa,  
U = Londres, A = Amesterdão)

**Caracteres do meio:** País de  
origem/grupo étnico (vê abaixo)

**Caracteres finais:** Idade  
do entrevistado

**Segundo caractere:** Género (M/F)

**Terceiro caractere:** número atribuído a cada entrevistado em cada localização

Códigos para etnia/País de origem:

**AF** Afegão

**AR** Árabe (Iraqiano)

**BG** Bengal

**CN** Congolês

**EG** Egípcio

**GB** Guiné-Bissau

**GE** Georgiano

**IR** Iraniano

**JM** Jamaicano

**KD** Curdo

**LB** Libanês

**NG** Nigeriano

**PK** Paquistão

**SD** Sudanês

**SM** Somali

**TK** Turco

### 3. MGF E CASAMENTOS FORÇADOS NO CONTEXTO NACIONAL

Esta secção fornece uma visão geral do contexto da MGF e dos casamentos forçados no Reino Unido, na Holanda e em Portugal. Descreve a escala do problema, quem é afetada e as respostas dos governos e da sociedade civil, da política às ações com a comunidade.

A definição de MGF da Organização Mundial de Saúde é reconhecida nos três países: MGF consiste em procedimentos que alteram intencionalmente ou provocam ferimentos nos órgãos genitais femininos por razões não médicas. Existem quatro tipos principais:<sup>2</sup>

**Tipo 1:** Clitoridectomia: remoção parcial ou total do clítoris

**Tipo 2:** Excisão: remoção parcial ou total do clítoris e dos pequenos lábios, com ou sem excisão dos grandes lábios

**Tipo 3:** Infibulação: estreitamento da abertura vaginal através da criação de um selo de cobertura. A vedação é formada por corte e reposicionando o interior, ou exterior, lábios, com ou sem a remoção do clítoris.

**Tipo 4:** Outro: todos os outros procedimentos prejudiciais aos órgãos genitais femininos por razões não médicas, por exemplo, punção, piercing, incisão, raspagem e cauterização da área genital.

#### 3.1 Reino Unido

##### 3.1.1 MGF

No Reino Unido, a MGF é definida como incluindo *"todos os procedimentos que envolvem a remoção parcial ou total dos órgãos genitais femininos externos ou outras lesões dos órgãos genitais femininos por razões não médicas."*<sup>3</sup> Não existem dados precisos e atualizados relativos ao número de mulheres e meninas afetadas ou em risco.

<sup>2</sup> Fonte: Organização Mundial de Saúde, Ficha técnica nº 241: MGF [www.who.int/mediacentre/factsheets/fs241/en/](http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs241/en/)

<sup>3</sup> [https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/97829/leaflet-for-fgm.pdf](https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/97829/leaflet-for-fgm.pdf) (Reino Unido

publicação inter- governamental : 'FGM : Os factos ')



As estimativas mais recentes são do censo de 2001 e sugerem que mais de 24.000 meninas poderiam estar em risco de serem submetidas à MGF no Reino Unido, e que cerca de 66.000 mulheres submetidas à MGF viviam na Inglaterra e no País de Gales, nesse momento<sup>4</sup>.

Pensa-se que, atualmente, os números possam ser muito maiores, devido a padrões recentes de imigração com origem em países afetados. Um estudo de 2011 estimou que mais de 3.500 bebês do sexo feminino nascem em Londres a cada ano de mulheres que se sobreviveram a MGF<sup>5</sup>. Num único hospital de Londres, mais de 1500 casos foram registados desde 2002. Neste hospital, a maioria das mulheres afetadas veio da Somália, Nigéria, Eritreia e Etiópia, embora mulheres já nascidas no Reino Unido, britânicas, fosse apenas 11 casos<sup>6</sup>.

O Reino Unido tipificou a MGF como um delito específico em 1985 (Lei de Proibição da Circuncisão Feminina). No entanto, a legislação não proibia levar meninas que viviam no Reino Unido para o exterior para serem submetidas à prática. Esta 'brecha' foi fechada na Lei de 2003 da Mutilação Genital Feminina, a qual prevê que é uma ofensa realizar, ajudar, amparar, aconselhar ou providenciar a realização da MGF no exterior a uma pessoa nacional do Reino Unido ou numa residente permanente no Reino Unido<sup>7</sup>. Apesar desta legislação, nunca houve uma acusação por MGF no Reino Unido. O Serviço de Acusação da Coroa do Reino Unido (SAC) produziu orientações sobre MGF (2011) e também desenvolveu um "Plano de Acção contra a MGF" (2012) para abordar a falta de processos no Reino Unido.

A responsabilidade para pôr fim à MGF é compartilhado por vários departamentos do governo: o Ministério do Interior, os departamentos de Saúde e Educação, o Ministério da Justiça e o CPS. Embora não existam diretrizes estatutárias sobre a MGF no Reino Unido, várias políticas e diretrizes dizem respeito à proteção, repressão e prevenção. Os Guias de Prática Clínica Multi-Agência sobre a MGF existem para apoiar os profissionais de primeira linha com responsabilidades de proteção de crianças contra a MGF. Há também orientações suplementares para escolas e estabelecimentos de ensino através de políticas específicas do Departamento de Educação: "Trabalhar em conjunto para proteger as crianças: Um guia para o trabalho Interinstitucional para salvaguardar e promover o bem estar das crianças" (2010). O 'Plano de

<sup>4</sup> Outubro de 2007, Estudo estatístico da FORWARD para estimar a prevalência de Mutilação Genital Feminina

na Inglaterra e no País de Gales '<http://www.forwarduk.org.uk/key-issues/fgm/research>

<sup>5</sup> Artigo do jornal Evening Standard ( 28 novembro 2011 ) <http://www.standard.co.uk/news/3500-girls-are-at-risk-of-female-genital-mutilation-in-the-capital-6372640.html>

<sup>6</sup> Artigo do jornal Evening Standard ( 18 setembro 2013) <http://www.standard.co.uk/news/health/hospital-reveals-1500-new-cases-of-cutting-including-uk-born-victims-8823688.html>

<sup>7</sup> <http://www.cps.gov.uk/legal/d-to-g/female-genital-mutilation/> (Guia Legal de MGF do Serviço de Acusação da Coroa)

Ação pelo Fim da Violência contra Mulheres e Meninas 2011 - 2015' inclui várias medidas relativas à MGF em termos de formação, intervenção e diretrizes legais.

Uma série de organizações e iniciativas existem no Reino Unido para combater a MGF bem como um trabalho de lobby para uma resposta governamental efetiva face ao problema, tanto a nível local como nacional:

- **FORWARD** é a instituição de caridade líder no Reino Unido no âmbito da MGF. A abordagem estratégica da FORWARD envolve:

- Influenciar políticas e legislação para garantir um maior apoio para as mulheres que sobreviveram à MGF, bem como fortalecer procedimentos de salvaguarda para meninas em situação de risco
- Mudar o entendimento e consciencialização públicos acerca da MGF através do envolvimento da comunidade, através de formação, eventos e divulgação
- Usar a experiência e evidências para a mudança de comportamento entre os membros da comunidade
- Trabalhar em parceria com organizações comunitárias e agências estatutárias, possibilitando a participação ativa das comunidades
- Envolver os jovens como advogados para criar mudança de comportamento nas suas comunidade e entre os seus pares
- Providenciar apoio emocional para as mulheres e meninas que sobreviveram à prática da MGF

- **Equality Now** é uma organização de campanha chave no Reino Unido, fazendo lobby junto do governo do Reino Unido para reforçar a ação sobre a MGF. Como entidade responsável pelo secretariado do Grupo Parlamentar sobre MGF têm desempenhado um papel fundamental em diversas iniciativas no Reino Unido, incluindo a Linha de Ajuda Nacional sobre MGF.

- **Daughters of Eve** é uma organização sem fins lucrativos que oferece apoio emocional a mulheres e meninas que foram submetidas à prática da MGF, promove atividades e eventos de sensibilização sobre a MGF e sinaliza situações para os serviços responsáveis.

- **The FGM Initiative** é um consórcio de organizações da comunidade no Reino Unido financiado<sup>8</sup> para implementar bases trabalho preventivo em relação à MGF com uma variedade de grupos-alvo, incluindo mulheres de comunidades afetadas pela MGF, líderes religiosos e comunitários, e jovens. É a maior iniciativa de base comunitária sobre a MGF no Reino Unido. A iniciativa está agora a entrar na sua segunda fase (2013-2015), onde visa sensibilizar, fortalecer as redes que combatem a MGF e promover uma abordagem baseada nos direitos, para combater a MGF.

<sup>8</sup> Composto pelas organizações: Trust for London, Fundação Esmee Fairbairn, Comic Relief e Rosa (o Fundo do Reino Unido para mulheres e crianças).

- **Project Azure** é a unidade da Polícia Metropolitana dedicada à MGF, que iniciou formalmente o seu trabalho em 2006. Embora o mandato inicial do projeto fosse desenvolver campanhas de prevenção e sensibilização para proteger as meninas da MGF em Londres, o Project Azure evoluiu e atualmente é líder ao nível da Polícia Metropolitana em todas as questões relacionadas com a MGF.

- **Grupo Parlamentar** sobre a MGF foi criado em 2011 para trabalhar com o governo e as ONGs para sensibilizar e criar estratégias para eliminar a prática.

- A **linha de apoio nacional** para a MGF<sup>9</sup> foi lançada no verão de 2013. Esta foi uma iniciativa liderada pela NSPCC com o apoio de várias entidades ligadas à MGF, incluindo organizações de base, clínicas especializadas em MGF e organismos nacionais (incluindo o Royal College of Midwives). A linha de apoio oferece aconselhamento, informação e apoio para quem se preocupa com o bem-estar de uma criança que possa estar em risco devido à MGF.

- **Envolvimento local em relação à MGF:** os últimos anos têm visto crescer o envolvimento local sobre a MGF, talvez com mais sucesso em Bristol, envolvendo várias partes interessadas a trabalhar em conjunto para combater a MGF, incluindo a saúde, a polícia, a educação e as organizações comunitárias. O 'modelo de Bristol' inclui ações de proteção e encaminhamento de situações de MGF. As estratégias de envolvimento incluem a formação de profissionais (incluindo nas áreas da saúde, serviço social e polícia ou proteção), estratégias para as escolas no âmbito da MGF (Bristol é um dos poucos lugares no Reino Unido, onde o envolvimento comunitário ao nível da MGF ocorre na escola primária), envolvimento das comunidades (através de eventos e formações) e trabalho com jovens. Esta abordagem foi recentemente reconhecida pelo governo do Reino Unido como um exemplo de boa prática. Como resultado, tem havido um ligeiro aumento no número de projetos de coordenação de ações ou encaminhamento de situações relacionadas com MGF no sentido de promover cada vez mais ações e intervenções localmente (por exemplo, Fórum Lambeth FGM, Fórum Manchester FGM).

Apesar destes desenvolvimentos, há ainda resistência para abordar e combater a MGF em ambientes de ensino. Em particular, há constrangimentos em sinalizar a MGF nas escolas primárias (mesmo que as evidências sugiram que a MGF normalmente acontece em idades precoces (5-8 anos de idade) quando as crianças ainda estão na escola primária. Além disso, a consciência acerca da MGF e dos procedimentos de proteção e de apoio adequados continuam a

<sup>9</sup> Qualquer pessoa que esteja preocupada com uma criança puder ser ou ter sido vítima de MGF pode contactar a linha de apoio **0800 028 3550** para informação e suporte.

ser inadequados entre os profissionais de primeira linha, incluindo assistentes sociais, professores/as<sup>10</sup> e parteiras<sup>11</sup>.

### 3.1.2 Casamentos Forçados

No Reino Unido um casamento forçado é definido como “a situação onde uma ou ambas as pessoas (ou em casos de pessoas com a dificuldades de aprendizagem ou físicas, não pode) não consentem o casamento, ou pressão ou abuso são usados.”<sup>12</sup>

A pressão pode ser física (incluindo ameaças e violência física e sexual) ou emocional e psicológica (por exemplo, fazer alguém sentir-se como se estivesse a trazer vergonha para a família). Outras formas de abuso que se podem aplicar as vítimas de casamento forçado incluem abuso financeiro e negligência. A mais recente pesquisa sobre o casamento forçado sugere que a maioria dos casos de casamento forçado ocorrem entre as comunidades do Sul da Ásia (Paquistão, Bangladesh e Índia). No entanto, comunidades de África, Médio Oriente e partes da Europa Oriental também são afetados. Os investigadores estimam que em 2008, entre 5.000 e 8.000 casos de casamento forçado, ou ameaça de casamento forçado, foram reportados às autoridades<sup>13</sup>.

A partir de novembro de 2008, a Lei 2007 para o Casamento Forçado (Proteção Civil) entrou em vigor e instituiu as Ordens de Proteção para o Casamento Forçado como uma ação civil para as vítimas de (ou aquelas que são confrontadas com) casamento forçado. No entanto, ao contrário da legislação contra a MGF, a Lei 2007 não tratava o casamento forçado como um crime específico. Novas cláusulas na Emenda do Crime de Comportamento Anti-social e Policiamento criminaliza agora os casamentos forçados e as violações das Ordens de Proteção para o Casamento Forçado.<sup>14</sup>

Nas Organizações que trabalham com os Casamentos Forçados incluem-se:

<sup>10</sup> Os esforços dos professores para combater a mutilação genital feminina Press Release da NSPCC 19 março 2013  
[www.nspcc.org.uk/news-and-views/media-centre/press-releases/2013/female-genital-mutilation/NSPCC-warning-teachers-on-FGM\\_wdn94822.html](http://www.nspcc.org.uk/news-and-views/media-centre/press-releases/2013/female-genital-mutilation/NSPCC-warning-teachers-on-FGM_wdn94822.html)

<sup>11</sup> The Royal College of Midwives Female Genital Mutilation: Relato de uma pesquisa sobre a opinião e conhecimento das parteiras (2012). Disponível para download em [www.rcm.org.uk/college/your-career/information-services/](http://www.rcm.org.uk/college/your-career/information-services/)

<sup>12</sup> [www.gov.uk/forced-marriage](http://www.gov.uk/forced-marriage) (site do Governo)

<sup>13</sup> Kazimirski, Anne et. al. ‘Forced Marriage – Prevalence and Service Response’ Breve Investigação DCSF-RB128. Centro Nacional de Investigação Social (Julho 2009)

<sup>14</sup> Biblioteca da Casa dos Comuns ‘Forced marriage’ Standard Note: SN/HA/1003 Última atualização: 16 setembro 2013  
[www.parliament.uk/briefing-papers/sn01003.pdf](http://www.parliament.uk/briefing-papers/sn01003.pdf)

- **Unidade de Casamento Forçado** (localizado no Departamento de Assuntos Estrangeiros e Commonwealth), cujo objetivo é aumentar a consciencialização sobre o casamento forçado em todo o setor público.
- **IKWRO**, que oferece:
  - o Um serviço de consultoria e de advocacy para mulheres e meninas em risco de casamento forçado, violência baseada na honra, mutilação genital feminina e violência doméstica
  - o Aconselhamento sobre cirurgias, dado fora das instalações da organização para uma maior acessibilidade às mulheres
  - o Formação para profissionais e membros da comunidade sobre o casamento forçado, tanto para aumentar a consciencialização para as questões como para formar sobre como responder em situações de casamento forçado
  - o Sessões de divulgação para aumentar a consciência sobre os problemas enfrentados pelas mulheres e como prevenir e proteger as mulheres de práticas nocivas
  - o Campanhas para promover mudanças na lei, por exemplo, a criminalização do casamento forçado
  - o Serviço de Aconselhamento em Inglês, curdo, farsi e árabe
- **Outras ONG's**, que também trabalham com vítimas de casamentos forçados inclui **Karma Nirvana** e **Southall Black Sisters**. Estas ONG's também trabalham com a Unidade de Casamentos Forçados para ajudar no retorno à segurança de meninas que tenham sido forçadas a casar.

Ao contrário da MGF, os Casamentos Forçados têm como recurso a Unidade de Casamentos Forçados, que lidera muito do trabalho. O casamento forçado também tem uma mais extensa prestação de apoio extraterritorial do que a questão da MGF (por exemplo, o Reino Unido apoia o retorno de indivíduos que se submeteram casamento forçado).

## 3.2 Portugal

### 3.2.1 MGF

Não existem dados disponíveis sobre o número de meninas e mulheres afetadas pela MGF a residir em Portugal. Em 2010, 9.263 mulheres originárias de países que praticam a MGF estavam a residir em Portugal (principalmente originárias da Guiné-Bissau<sup>15</sup>). Uma pesquisa relativamente

<sup>15</sup> Instituto Europeu para a Igualdade de Género. 'Current situation of female genital mutilation in Portugal' (2012)

[http://eige.europa.eu/sites/default/files/documents/Current%20situation%20and%20trends%20of%20female%20genital%20mutilation%20in%20Portugal\\_EN.pdf](http://eige.europa.eu/sites/default/files/documents/Current%20situation%20and%20trends%20of%20female%20genital%20mutilation%20in%20Portugal_EN.pdf)

pequena com os profissionais de saúde (amostra de 52 indivíduos) na região de Lisboa constatou que 27% se tinha deparado com mulheres sobreviventes de MGF e que 13,5% acreditam que a MGF é realizada em Portugal.

Em Portugal, a MGF é considerada um crime. Desde setembro de 2007, o Código Penal (Lei n.º 59/2007) incluiu uma disposição relativa à MGF (embora o termo MGF não seja explicitamente mencionado no texto). Considera-se crime o abuso ao corpo ou à saúde de outra pessoa afetando-se a capacidade de fruição sexual da pessoa (artigo 144.º, Ofensa grave à integridade física). Os autores do crime podem enfrentar até dez anos de prisão, e como no Reino Unido, o princípio da extraterritorialidade é aplicável (a MGF é punível, ainda que realizada fora do país).<sup>16</sup>

Portugal tem um Plano de Ação para a MGF que neste momento encontra-se na sua segunda fase: O 'II Programa de Ação para a Eliminação da MGF 2011-2013. Está integrado no 'Quarto Plano Nacional de Ação para a Igualdade, Género, Cidadania e Não-discriminação 2011-2013' constituído pela Presidência Conselho de Ministros. A Comissão para Cidadania e Igualdade de Género, em cooperação com o Grupo de Trabalho Intersectorial, é responsável pela implementação, e o Plano de Ação contra a MGF está sob a responsabilidade política da Secretária de Estado dos Assuntos Parlamentares e Igualdade.

A maioria dos atores que trabalham na MGF fazem parte do Grupo de Trabalho Intersectorial para o Plano de Ação, incluindo órgãos públicos de diferentes setores e organizações da sociedade civil. A Associação para o Planeamento da Família começou a trabalhar acerca da MGF em 2000, com três áreas principais de foco: a defesa dos direitos das mulheres e das crianças, a saúde sexual e reprodutiva, e a cooperação e desenvolvimento em parceria com o Fundo das Nações Unidas para a População e outras agências da ONU, institutos de investigação e ONGs europeias de vários países.

Em 2012, foram publicadas "Diretrizes clínicas para profissionais de saúde sobre a MGF", as quais forneceram orientações sobre como atuar clinicamente com mulheres afetadas pela MGF, e definiram medidas preventivas para proteger as meninas em risco. Os profissionais de saúde devem registrar a nacionalidade e o tipo de MGF dessas mulheres nos seus registos clínicos, e as crianças em risco de sofrerem a prática da MGF devem ser encaminhadas para a Comissão Nacional para a Proteção de Crianças e Jovens em Risco (CPCJ).

<sup>16</sup> <http://eige.europa.eu/content/portuguese-penal-code-04092007-articles-144-offence-against-the-physical-integrity-and-145-g>

### 3.2.2 Casamentos Forçados

Nenhum dado sobre os Casamentos Forçados está disponível para Portugal. Embora não haja um crime específico de casamento forçado no Direito português, os casamentos realizados sem a livre vontade de ambas as partes são considerados nulos e sem consequência a nível jurídico.<sup>17</sup> Os serviços de proteção à criança (CPCJ) são responsáveis por proteger uma pessoa menor de 18 anos de se casar contra a sua vontade.

## 3.3 Holanda

### 3.3.1 MGF

Um relatório<sup>18</sup> publicado recentemente estima que cerca de 28.000 mulheres residentes na Holanda sobreviveram a mutilação genital feminina (sendo provenientes, principalmente, de países africanos, apesar de mais de 3.000 mulheres incluídas nesta estimativa serem provenientes da Região Autónoma Curda no Norte do Iraque), e o risco é considerado, em grande parte, devido à possibilidade de a prática ser realizada durante visitas aos países de origem. Pensa-se que um terço das mulheres submetidas à prática da mutilação genital feminina são originárias da Somália, e 80% das mulheres afetadas vêm de um pequeno número de países: Somália, Egito, Etiópia, Eritreia e do Iraque curdo. O relatório estima que anualmente, 40 a 50 meninas estão em risco de serem submetidas à MGF, a maioria das quais de comunidades africanas.

A discrepância entre o número de mulheres afetadas, e o relativamente pequeno número de meninas em situação de risco a cada ano, é justificado pelo ambiente político favorável na Holanda, além de mudanças nas normas, valores e conhecimento sobre as consequências da MGF nas pessoas que vivem nos Países Baixos. Durante duas décadas, a Holanda adotou uma abordagem estratégica e direcionada para a MGF, criando diálogo, promovendo o envolvimento da comunidade e oferecendo formação para profissionais. Há uma lei abrangente, proteção à criança, recolha de dados e sistemas de avaliação de risco em andamento a nível nacional e local.

<sup>17</sup> [www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment\\_data/file/157829/forced-marriage-response.pdf](http://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/157829/forced-marriage-response.pdf) Home Office. 'Forced Marriage – A Consultation. Summary of Responses' (Junho 2012)

<sup>18</sup> Exterkate, Marja. 'Female Genital Mutilation in the Netherlands: Prevalence, Incidence and Determinants'. Pharos (2013)

Todas as formas de MGF foram proibidas na Holanda desde 1993, e desde 2003 tem sido possível requerer asilo na Holanda se houver uma ameaça de MGF no país de origem<sup>19</sup>. O extrato seguinte sumariza o estatuto jurídico da MGF na Holanda (Exterkate 2013):

*A MGF é tratada na Holanda como uma forma muito grave e prejudicial de abuso infantil. É punível nos termos da legislação penal geral (seção 300-304, 307, 308 do Código Penal), com pena de prisão máxima de 12 anos ou uma multa máxima de € 76,000. No caso de a MGF ser feita por um dos pais, a prisão pode ser aumentada em um terço. No caso de o pai(s) dar o consentimento, pagar por isso, fornecer meios que serão utilizados para a MGF ou ajudar durante a MGF, eles serão punidos também. Isto é visto como instigação, apoio e cumplicidade. Um ajuste da lei em fevereiro de 2006 fez a MGF realizada no exterior ser punível também, caso o suspeito tenha nacionalidade holandesa ou viva na Holanda. Em julho de 2009 o prazo de prescrição foi prolongado. O prazo de prescrição tem efeito até aos 18 anos da rapariga ou 20 anos em formas graves de MGF.*

O Governo quer usar as seguintes medidas para prevenir a MGF<sup>20</sup>:

- Os pais de filhas originários de países de risco (como Somália e Etiópia) recebem uma 'Declaração contra a MGF' (no Passaporte de Saúde holandês) da parte um pediatra. Isto permite-lhes mostrar aos seus parentes no exterior que a MGF é punível na Holanda e tem consequências para a saúde.
- As organizações nacionais de migrantes recebem financiamento do Governo para a campanha 'Diga não à MGF', que visa envolver todas as partes, incluindo avós e outros membros da família de comunidades afetadas, para falarem contra a MGF.
- A GGD Holanda (Serviço de Saúde Pública) recebe financiamento do governo para garantir que os pais são informados sobre os efeitos nocivos da MGF e intervenção relacionada com a MGF.
- O Serviço de Saúde Pública e a FSAN formam 'figuras-chave' para promover sensibilização em relação à MGF. Estas figuras-chave são voluntários/as originalmente de países onde a MGF é praticada. Fornecem informações através de reuniões em centros comunitários ou durante visitas domiciliárias. Além dessas figuras-chave, o Governo nomeou quatro embaixadores que organizam reuniões nacionais sobre a MGF (por exemplo, para os líderes religiosos ou jovens).

O Aconselhe e Relate Abuso Infantil (AMK) tem 15 especialistas que podem reconhecer os riscos da MGF. Outros profissionais podem consultar estes especialistas, nomeadamente assistentes sociais que podem encontrar formação e protocolos na sua luta contra a MGF no site da Pharos

<sup>19</sup> Fonte: [www.pharos.nl/documents/doc/focal\\_point\\_folder\\_2011.pdf](http://www.pharos.nl/documents/doc/focal_point_folder_2011.pdf)

<sup>20</sup> Fonte: [www.rijksoverheid.nl/onderwerpen/eergerelateerd-geweld/meisjesbesnijdenis](http://www.rijksoverheid.nl/onderwerpen/eergerelateerd-geweld/meisjesbesnijdenis)



(fornece informações sobre cuidados de saúde para migrantes e refugiados). Outros atores chave na resposta da Holanda à MGF incluem:

- Representantes das comunidades Somali, Sudanesa, eritreana e etíope, incluindo a FSAN
- Serviços de assistência domiciliar
- Serviços de saúde juvenil
- Conselho de proteção da criança
- Polícia
- Serviços obstetrícios

### 3.3.2 Casamentos Forçados

O casamento forçado é ilegal na Holanda. De julho 2013 regras mais severas entraram em vigor, com as seguintes regras aplicáveis<sup>21</sup>:

- Os agressores podem ser condenados até a dois anos de prisão (anteriormente, era até nove meses).
- Se um cidadão holandês forçar uma pessoa a casar no estrangeiro, a acusação é possível na Holanda, mesmo que o casamento forçado não seja punível no país onde se realizou. Isto também se aplica aos estrangeiros com residência permanente na Holanda.
- Se um cidadão holandês ou estrangeiro com residência permanente na Holanda for vítima de casamento forçado fora do país, o agressor pode ser condenado na Holanda.
- O prazo de prescrição para o casamento forçado cometido contra menor de idade foi prorrogado. O prazo de prescrição de seis anos começa quando a vítima faz 18 anos.
- É possível colocar um suspeito de casamento forçado em custódia, a fim de proteger a vítima.
- O Ministério Público tem amplos poderes para rastrear criminosos. O Ministério Público pode, por exemplo, recuperar informações sobre o historial telefónico do agressor.

É difícil determinar o número exato de casamentos forçados na Holanda, e quem é afetado. As autoridades, incluindo a polícia, não registam casos de casamento forçado como uma categoria distinta. No entanto, é claro, a partir dos relatos de escolas, da polícia e dos serviços de resgate e proteção, que o casamento forçado ocorre na Holanda, com graves consequências para os envolvidos.

O casamento forçado ocorre em todos os grupos étnicos e classes socioeconómicas, mas pensa-se que afeta, em particular, as comunidades turca, marroquina, indiana, somali, iraniana, iraquiana, afegã, paquistanesa, curda, chinesa, indonésia (Ilha Molucas) e roma. Os casamentos

<sup>21</sup> Fonte: <http://www.rijksoverheid.nl/onderwerpen/eergerelateerd-geweld/huwelijksdwang>

forçados também ocorrem em comunidades holandesas muito fechadas e oriundas das classes mais altas (dinastias<sup>22</sup>).

O Ministério da Justiça lançou uma campanha nacional de conscientização sobre os casamentos forçados em junho de 2009. Os números de telefone dos cinco Centros de Apoio para a Violência Doméstica (incluindo em Roterdão, Amesterdão, e Almelo) foram divulgados através de várias organizações, sites e vídeos no YouTube. Um plano de emergência em caso de violência doméstica também foi disponibilizado. A campanha é uma parceria da Cidade de Roterdão, de organizações *umbrella* de organizações de migrantes e refugiados, da Fundação Support Remigrants Foundation e da MOVISIE. Parte da campanha foi dirigida aos jovens nas escolas, pedindo-lhes para assinar um contrato se receassem o casamento forçado. Além disso, várias campanhas de informação são realizadas em Roterdão sendo que os observatórios da frequência escolar são notificados quando as meninas continuam ausentes após o verão. A MOVISIE e a Universidade de Vrije realizaram uma conferência nacional sobre o casamento forçado em novembro de 2008. Esta conferência teve lugar em Amesterdão no âmbito do Projeto europeu Daphne, 'Active Against Forced Marriage'<sup>23</sup>.

<sup>22</sup> Fonte: [www.shg-amsterdam.nl/sites/default/files/factsheet\\_over\\_huwelijkswang\\_voor\\_professionals.pdf](http://www.shg-amsterdam.nl/sites/default/files/factsheet_over_huwelijkswang_voor_professionals.pdf)

<sup>23</sup> Fonte: [www.movisie.nl/sites/default/files/alfresco\\_files/Factsheet%20huwelijkswang%20%5BMOV-221745-0.3%5D.pdf](http://www.movisie.nl/sites/default/files/alfresco_files/Factsheet%20huwelijkswang%20%5BMOV-221745-0.3%5D.pdf)

## 4. RESULTADOS DA INVESTIGAÇÃO

### 4.1 Estrutura do Relatório

O relatório está estruturado da seguinte forma:

- Secção 4.2 fornece **informação contextual** e discute um amplo leque de questões que jovens sentiram ser de especial significado para as suas vidas
- Secção 4.3 descreve os níveis de **consciencialização, conhecimento e opiniões** de jovens sobre a MGF e os Casamentos Forçados
- Secção 4.4 resume onde jovens aprenderam sobre a MGF e os Casamentos Forçados, e as suas recomendações para os **canais de comunicação e campanha**
- Secção 5 conclui com uma **discussão** sobre os resultados e as **implicações** para a estratégia CREATE Youth Net.

### 4.2 Contexto: Identidades diversas e complexas

Os resultados ilustram a enorme diversidade de circunstâncias pessoais, histórias de migração e origens culturais das pessoas entrevistadas. Devido à heterogeneidade de participantes no estudo, nem sempre é possível generalizar sobre as experiências ou opiniões de grupos étnicos individuais. Em vez disso, os dados mostram uma ampla gama de temas que os jovens descreveram como algo que os afeta, e que atravessa categorias étnicas, migratórias e nacionais:

- o impacto da migração para a Europa em termos de valores e normas sociais, e em particular como isso afeta as relações com as gerações mais velhas e as noções de identidade cultural
- as pressões e expectativas que jovens experienciaram, particularmente em relação aos níveis de escolaridade e casamento
- os desafios particulares e as oportunidades enfrentadas por jovens migrantes de primeira ou de segunda geração
- os papéis de género e, em particular, o estatuto das mulheres.

Estes temas são mais exploradas nas seções seguintes.

#### 4.2.1 Negociando diferentes visões do Mundo e valores sociais

Em Lisboa, os/as jovens guineenses - a maioria dos quais nascidos na Guiné Bissau - descreveram que encontraram uma 'mentalidade' completamente diferente em Portugal, em termos dos valores sociais fundamentais. Eles caracterizam a vida social na Guiné-Bissau como sendo fortemente patriarcal, com as mulheres a terem de se submeter aos progenitores (e, em particular, aos seus pais) e posteriormente aos seus maridos. Além disso, há uma forte cultura de diferenciação para com as pessoas mais velhas, algo que é reforçado pelos ensinamentos religiosos [*'a religião ensina que as decisões dos pais são sagradas'* (LM18.GB.20)]. Relatam o seu choque ao ver crianças em Portugal a gritar com seus pais em público, ou a questionar a autoridade dos mais velhos. Identificam a liberdade, a autonomia e o pensamento crítico/racional (em particular, a capacidade de questionar a forma de fazer as coisas) como características da sociedade portuguesa - e mais amplamente, da Europa.

*Quando nascemos são-nos incutidos conhecimentos relacionados com a nossa sociedade, religião e a cultura. Nesse meio os mais velhos têm um papel crucial, são considerados exemplos para os mais novos, os defensores da moral e dos bons costumes e são eles que nos ensinam a distinguir o bem do mal. (LF6.GB.23)*

Vantagens e desvantagens de ambos os conjuntos de valores foram identificados pelos entrevistados. Em geral, os jovens guineenses criticaram a 'excessiva' liberdade e falta de apreço dos jovens portugueses pelos recursos que tomam por garantidos, enquanto que os jovens guineenses não, principalmente depois de terem experimentado a vida num frágil país em desenvolvimento (por exemplo, o acesso aos cuidados de saúde e um sistema de educação que funciona) [*'Aqui há um excesso de liberdade, já lá temos limites para tudo.'* (LM9.GB.20)]. No entanto, todas as pessoas<sup>24</sup> foram altamente críticas das práticas nefastas que continuam a afetar jovens guineenses e muitas acreditam que uma das razões para a perpetuação dessas práticas é o facto de ser espectável da parte das camadas jovens que não se questione e se siga os desejos da geração mais velha [*'o respeito e a autoridade que os pais detêm sobre os filhos na nossa comunidade faz com que estes (filhos/as) tenham medo de desobedecer-lhes e aceitem contra as suas vontades as decisões dos mesmos relativos a essas práticas'* (LM16.GB.23)].

As pessoas jovens guineenses acabam por se encontrar assim numa posição de tensão: valorizam a sua auto-suficiência, disciplina e ambição, cuja conquista atribuem ao respeito que têm para com os seus anciãos, mas acarretam o peso dos limites que isto também lhes trouxe. Simultaneamente, desde que começaram a contactar com os direitos humanos universais (especialmente dos direitos das mulheres), com outras culturas e com ideais de autodeterminação, deixam de apoiar as práticas nefastas que muitos da geração mais velha

<sup>24</sup> Com duas notáveis exceções, Ver Secção 4.3.1.

continuam a defender [*'conseguem perceber coisas que se calhar se ainda estivessem lá (na Guiné) nem davam conta'* (LF21.GB.26)]. Abordar as questões da MGF e dos Casamentos Forçados poderia potencialmente trazer aos jovens conflito com as gerações mais velhas, algo que eles quererão evitar. Como um entrevistado disse, é preciso *'coragem e iniciativa'* para enfrentar os pais e lutar em defesa dos direitos humanos, mas parece ser um desejo real e significativo avançar nesse sentido (como é mais explorada na secção 4.4).

Os jovens em Amesterdão e Londres, embora tenham diferentes origens étnicas e culturais, descreveram pontos de vista muito semelhantes: os valores dos seus países de origem são caracterizados pelo respeito e/ou diferenciação para com os pais e outras pessoas mais velhas, uma mentalidade coletivista ao invés de individualista, muito difundida, de inquestionável aceitação das formas 'tradicionais' de vida (a atitude *'seguir como ovelhas'*, como um jovem londrino disse). A citação seguinte analisa as estruturas ideológicas contrastantes da sociedade afegã e do Reino Unido de uma forma altamente reflexiva e esclarecedora:

*Ao contrário da crença popular, a comunidade afegã no Reino Unido tem um sistema de valores predominantemente secular. Longe vão os dias em que eram realizadas nas ruas de Londres por imigrantes de origem afegã 'rituais aparentemente talibãs'. Histórias de horror, como o crime de honra no Canadá, surgem ocasionalmente, mas o "punho de ferro" das tradições culturais desumanas está a perder seguidores. Enquanto normas patriarcais continuam a ter extrema importância na minha comunidade, as expectativas sociais sobre as jovens mulheres não são muito diferentes daquelas que são colocadas sobre os homens. O 'sonho afegão' no Reino Unido constitui trabalho e estudo. O mantra dominante "sê produtivo" empodera ambos os sexos para se destacarem academicamente e socialmente - uma ideologia rara no Afeganistão. [Pergunta: Portanto, há uma divisão ideológica na opinião dos afegãos que vivem em diferentes áreas geográficas?] Absolutamente, os afegãos que vivem no Reino Unido acreditam primariamente na igualdade de género e, portanto, têm grandes expectativas culturais em relação a ambos os sexos. Quanto ao Afeganistão, essa igualdade é incomum. Especialmente a partir de uma perspectiva feminista, há pouca atenção dada à educação das mulheres ou às suas perspectivas futuras de trabalho. A estrutura patriarcal da sociedade exige que os homens ocupem o papel de único 'ganha-pão', enquanto as mulheres são classificadas como guarda dos filhos. (UF20.AF.18)*

Para muitos dos grupos de jovens, os conceitos de honra/respeito e o nome da família também são cruciais. Se uma jovem danificou a honra ou reputação da sua família através de um comportamento 'impróprio', isso pode manchar o valor ou o estatuto de toda a família por muitos anos [*'você não quer ser responsável pela miséria dos seus pais'* (UF20.AF.18)], contrariamente, um casamento estratégico, alinhando a família com outra família de estatuto alto, poderia aumentar o estatuto da primeira. Como um jovem entrevistado explicou em

Londres, *'cada vez que eu saio de casa levo o nome de meus pais'* (UF24.BG.22). A parte central da honra da família está ligada à manutenção da virgindade de uma filha antes do casamento. Apesar dos muitos grupos étnicos diferentes em Londres e Amesterdão, a virgindade feminina ainda é um importante requisito ou valor cultural. Muitas das histórias de casamentos forçados (discutidos na secção 4.3.3) e crimes de honra<sup>25</sup> só podem ser entendidos no contexto desses valores.

Nos três países, e entre pessoas de diferentes origens, um número de entrevistados discutiram a importância de serem capazes de 'escolher' quais elementos da sua identidade cultural que gostariam de manter e quais os elementos que devem ser descartados. Entre a maioria dos jovens, o desejo de manter um relacionamento respeitoso com os seus mais velhos permanece importante, agregado a costumes como as reuniões de família, os casamentos, a comida tradicional e, em alguns casos, a roupa tradicional. As jovens somali em Amesterdão também escolheram a modéstia (na forma de vestir/comportamento), e os altos níveis de apoio social entre família e amigos, como aspetos positivos da sua cultura. O valor atribuído à virgindade das jovens mulheres antes do casamento, e não terem filhos antes do casamento, também surge elevado nos dados retirados dos grupos de Londres e de Amesterdão [*'quando se trata de sexo pré-marital para as mulheres, até mesmo os liberais são conservadores'* (UF31.TK 0,22)]. Os aspetos da cultura que jovens relatam como passíveis de rejeitar incluíram: o casamento precoce (por exemplo, menos de vinte anos de idade), a limitação das mulheres em serem apenas donas-de-casa, a 'mentalidade de clã' (para os Somalis) e - quase universalmente - a MGF (como discutido mais tarde).

Da mesma forma, várias das pessoas entrevistadas (em Londres e Amesterdão) falaram acerca da crescente importância dos valores e práticas religiosos (islâmicos), dos quais disseram estarem a imperar relativamente a práticas culturais, étnicas ou nacionais, para alguns jovens muçulmanos de segunda geração [*'eu vou escolher a minha fé acima de tudo'* (AF3.SM)].

Estas discussões sugerem que os jovens estão cientes, e abertos, à natureza maleável da cultura e da identidade. Eles estão dispostos a questionar, criticar e manter os elementos que são percebidos como sendo benéficos, enquanto rejeitam aqueles que não são. Esta adaptabilidade e capacidade de abertura à mudança são características que eles dizem faltar nas gerações mais velhas. Os seus pais são muitas vezes retratados como muito preocupados ou ameaçados pela percepção de que seus filhos não estão a defender as suas tradições, ou estão a esquecer a sua cultura. A situação torna-se ainda mais complicada para os jovens somalis em Amesterdão, que muitas vezes têm de negociar as questões linguísticas com a geração mais velha (que muitas vezes não fala holandês, enquanto os jovens muitas vezes não são fluentes em somali).

<sup>25</sup> A questão dos crimes de honra não foi incluído no âmbito deste projeto de investigação, mas alguns entrevistados falaram deles. Ver, por exemplo, a citação 5 no Anexo 2.

#### 4.2.2 Pressões familiares e Expectativas de jovens sobre Educação e Casamento

As pessoas entrevistadas nos três países expressaram altos níveis de ambição em relação à realização escolar. Em Lisboa, falaram de forma mais ampla acerca do seu desenvolvimento pessoal [*'formação'*] - o processo mais amplo de atingir a maturidade e desenvolver uma personalidade. Em comparação com a *'anarquia'* que descrevem e que existe dentro do sistema educacional na Guiné-Bissau (professores que não conseguem falar português, infra estruturas desperdiçadas), eles descreveram a luta intensa, e as grandes potenciais recompensas, que envolvem a obtenção de uma boa educação em Portugal. Eles vêem a educação como fundamental para não só garantir um emprego e meios económicos mas também para a integração no seio da sociedade portuguesa. Vários entrevistados também descreveram como a educação foi o veículo que permitiu às mulheres fazer valer os seus direitos e independência económica, em confronto com a posição das mulheres dos seus países de origem.

Os jovens em Londres falaram sobre as suas expectativas culturais e educacionais, e como estas estão altamente relacionadas com o género. Uma jovem mulher iraniana descreveu como as prioridades para as mulheres eram serem confiantes, apresentáveis e independentes, enquanto que dos homens se esperava que fossem orientados para a carreira/dinheiro e ganhassem um salário mais alto do que a esposa. Uma jovem mulher curda descreveu o facto de se preocupar o estar sempre *'a olhar por cima do seu ombro'*, uma vez que há um risco de vergonha e embaraço para a sua família caso ela não consiga cumprir com as expectativas. Enquanto uma jovem reconheceu que as expectativas poderiam ser produtivas, incitando as pessoas para realizações mais elevadas, ela também considera que isso pode ser difícil - especialmente para as meninas – pois toda a gente está de olho nelas

As mulheres também relatam altas expectativas em termos de sucesso escolar e profissional. Uma entrevistada referiu que, na sua comunidade, isso não deve ser mal interpretado, como um sinal de que as mulheres estão a ganhar uma posição social ou profissional igual à dos homens: em vez disso, ela vê a realização escolar como uma *'afirmação de classe'* – uma conquista que a mulher deve obter a fim de maximizar as suas oportunidades de realizar um bom casamento (tal como serão argumentos para o efeito a beleza ou a juventude).

Em Londres, em particular, um grande número de histórias de famílias foram contadas, nas quais jovens mulheres haviam-se desviado do caminho esperado, levando ao desespero os outros membros da família. As consequências de não ir ao encontro das expectativas da família ou da cultura incluem ser-se renegada, ostracizada socialmente, menosprezada, ou ser *'tratada como uma criança'*. Entre as jovens somali em Amesterdão, uma possível consequência de não cumprir as expectativas era ser-se enviada de volta para a Somália para *'reabilitação cultural'* [*heropvoeding*] - às vezes sem o seu conhecimento prévio ou consentimento. A maioria das

entrevistadas discordaram com essa consequência, mas em determinadas situações foi considerado que a mesma teria resultados finais positivos, como a história seguinte ilustra:

*O meu primo foi enviado de volta para a Somália. A mãe dele levou-o para lá, porque sentiu que ele estava a ir para um caminho errada na vida. Ele não sabia que estava a ser enviado de volta, pensou que estava a ir por um período de férias. Ele culpou a mãe por deixá-lo para trás. Simplesmente não se conseguia adaptar ao modo de vida da Somália naquele momento. Mas visto que ele não tinha outra opção, só tinha que se acostumar a isso e fazer o melhor que pudesse com a situação. Ele aprendeu muito acerca da sua cultura e da língua somali. E agora está de volta à Europa com uma mentalidade diferente. Ele agora vê realmente a diferença entre Europa e África. Voltou a estudar e agora tem o seu diploma. Até ao momento ele está a sair-se bem. (AF8.SM.19)*

A seguir à educação, o processo ou acontecimento mais significativo na vida de jovens em Londres e Amesterdão é o casamento. Entre os/as entrevistados/as, o casamento não era visto simplesmente como uma relação entre duas pessoas, mas como uma forma de unir famílias numa declaração pública, a instituição correta para criar filhos e, às vezes, como uma maneira de exibir e/ou aumentar a riqueza e contactos.

Pessoas entrevistadas e de diversas origens disseram que havia uma grande pressão interna e externa imposta para se casarem até uma certa idade, particularmente para as mulheres. Apesar de se reconhecer que as jovens mulheres gostariam de terminar a sua educação, e muito provavelmente estabelecer-se numa carreira, antes de se casarem. Casamentos arranjados eram comuns em muitas das comunidades em Londres, e em menor grau em Amesterdão e Lisboa. No seio da comunidade somali em Amesterdão, havia expectativas familiares e sociais em torno do casamento (por exemplo, o desejo de se casarem com um muçulmano), e muitas jovens disseram que era necessário terem o consentimento dos seus pais na escolha dos seus cônjuges. No entanto, ninguém em Amesterdão sentiu que o casamento forçado fosse um problema para si.

#### 4.2.3 Desafios e Oportunidades

Em Lisboa, os principais desafios enfrentados (particularmente para os recém-chegados) são a falta de documentação (a obtenção de um título de residência, o qual é necessário para o acesso à educação e a outros serviços), as barreiras linguísticas (embora o português seja a língua oficial na Guiné-Bissau, não é muito falado), as baixas remunerações ou a falta de emprego, e o racismo (ou a falta de comodidade/oportunidade no local de trabalho para realizar as exigências religiosas, por exemplo, necessidade de segundo o Islão orar ao longo do dia). Muitos/as jovens lidam com a dificuldade que é estarem distantes dos familiares próximos. Enquanto a maioria dos/as jovens guineenses disse que a integração era desejável e possível ao longo do tempo e com o apoio de amigos, sentem que quanto mais velha for a pessoa quando chega, mais difícil será a sua adaptação à vida em Portugal.



Em Londres, as pessoas entrevistadas discutiram o que eles e suas famílias pensam acerca do que é viver no Reino Unido. Identificaram as oportunidades económicas, a mobilidade social, a diversidade de culturas, os direitos humanos (e os direitos das mulheres, em particular), a estabilidade política e os padrões de vida mais elevados (ou mais confortáveis), como vantagens significativas de se viver no Reino Unido. Vários acrescentaram que existem mais oportunidades, no Reino Unido do que no seu país de origem, para encontrarem as suas próprias personalidades e identidade. Enquanto alguns jovens sentiram que Londres era a sua verdadeira casa, uma vez que viveram lá toda a sua vida, outros sentiram que *'a Grã-Bretanha é bonita, mas não é a sua casa'* (UF20.AF.18). Como esta jovem explicou, na Grã-Bretanha faltam as redes sociais alargadas e o senso de comunidade que a sua família tinha no Afeganistão. Um pequeno número de jovens muçulmanos também lamentou a geral falta de consideração pelas suas necessidades religiosas no Reino Unido (por exemplo, como seria importante o facto de os empregadores e instituições conhecerem o Ramadão, as orações diárias, etc.).

Outro problema comum que surge entre os entrevistados paquistaneses, árabes, somalis e outros grupos muçulmanos foi a cobertura negativa dos meios de comunicação social e os estereótipos em relação às suas comunidades, particularmente em relação ao terrorismo, fraude fiscal e criminalidade. Em Amesterdão, uma jovem descreveu um sentimento vulgarmente ouvido nos jovens migrantes de primeira ou de segunda geração: *'Estamos, na verdade, a ser criados em duas culturas. Os Somalis consideram-nos muito holandesas e do ponto de vista holandês ainda estamos na Somália'* (AF8.SM.19).

#### 4.2.4 Papéis de Género, Estatuto Social e Regras

Os grupos de jovens das três cidades identificaram ligações entre o casamento forçado, a MGF e o estatuto das mulheres. Muitos dos/as investigadores/as PEER e pessoas entrevistadas foram extremamente articulados nas suas respostas, proporcionando um alto grau de análise e discernimento em relação à forma como o estatuto dos homens e das mulheres é afetado pelos direitos legais, educação e classe social.

Em Londres, jovens mulheres das mais diversas origens (incluindo árabes, curdas, bengalis, e somalis) descreveram a liberdade de meninas e de jovens mulheres como limitada, em comparação com a dos homens, de várias maneiras e em diferentes graus (de acordo com a perspetiva das diferentes famílias). Este grau pode variar de severamente restrito (impossibilidade de entrar para a faculdade), passando pelo ter que pedir permissão em relação à escolha das férias ou da carreira (por exemplo, para evitar o contacto com os homens), até ao ter que pedir o consentimento dos pais na escolha do cônjuge. Vários das pessoas entrevistadas fizeram uma ligação entre esta falta de escolha/independência e a prática do casamento arranjado: os mesmos fatores que fazem com que as famílias limitem a liberdade das suas filhas (proteção, medo que a vergonha seja trazida para a família, falta de confiança na sua tomada de decisão) são os fatores que estão por trás dos casamentos arranjados, e por vezes dos

casamentos forçados. No entanto, esta geração de jovens mulheres acredita que vai atingir um estatuto mais equitativo em relação ao dos homens, também no que diz respeito aos casamentos.

As jovens mulheres reagiram de várias maneiras em relação a estas expectativas face aos papéis sociais e de género: num extremo do espectro, as entrevistadas relatam histórias de meninas e adolescentes que buscam estilos de vida 'alternativos e rebeldes', os quais envolvem a experimentação sexual, o uso de drogas e relações casuais. Algumas jovens mulheres consideram viver uma 'vida dupla' - ou uma vida muito discreta com '*pequenos atos de rebelião*' - para tentar garantir que as suas famílias não descubram, por exemplo, as suas relações pré-matrimoniais. Outras jovens aceitam, simplesmente, a sua situação e fazem o que seus pais planeiam.

As pessoas inquiridas em Lisboa apresentaram um quadro dicotómico relativamente ao estatuto das mulheres guineenses em Portugal contrapondo com aquilo que se passa na Guiné-Bissau. Embora haja algum reconhecimento de que, mesmo na Guiné-Bissau, a situação das mulheres (especialmente nas áreas urbanas) está a começar a mudar, uma vez chegadas a Portugal, deu-se uma mudança radical nos papéis das mulheres e dos homens. Durante as entrevistas foi dito que os homens estavam muito mais propensos a contribuir para criar os filhos e a ajudar em casa (tradicionalmente funções reservadas às mulheres), enquanto que, em relação às mulheres, foi muitas vezes dito que estas são o principal sustento da família e que contribuem, pelo menos, de forma igual (se não mais do que os homens) para a tomada de decisão e alocação de recursos do agregado familiar. Isto foi visto como sendo o resultado da influência da sociedade portuguesa e de melhores oportunidades educacionais e económicas para as mulheres. Embora os entrevistados consistentemente descrevam as mulheres na Guiné-Bissau como não tendo voz e oprimidas pelos homens, as histórias recontadas no estudo PEER sobre Casamentos Forçados e MGF revelam altos níveis de desafio e anseio de auto determinação (ver secção 4.3).

### 4.3 Níveis de Consciencialização e Conhecimento

Em Londres e Amesterdão, o nível de detalhes fornecidos sobre a MGF foi menor do que o fornecido pelos jovens em Lisboa. Vários fatores estão por detrás disso, incluindo o facto de que, em média, os entrevistados guineenses chegaram à Europa mais recentemente, em comparação com os outros entrevistados. Por esta razão, o relatório tem uma secção sobre a MGF dos dados de Lisboa, seguido de uma secção que descreve os dados de Londres e Amesterdão.

#### 4.3.1 MGF nos dados de Lisboa

A MGF e os casamentos forçados não são conceitos abstratos para os/as jovens guineenses neste estudo. Quase todas as pessoas entrevistadas, forneceram pelo menos uma história de MGF ou casamento forçado dentro da sua família, círculo de amizade ou vizinhança próxima. Quase todas estas histórias aconteceram na Guiné-Bissau, apesar de várias mulheres e meninas implicadas nas histórias residirem em Portugal no momento em que foram afetadas. A namorada de um

entrevistado tinha sido submetida à MGF e, durante a entrevista, ele descreveu o desconforto que ela sentiu durante a relação sexual. Outra entrevistada descreveu como ela própria tinha sido submetida à MGF. Outras jovens mulheres tinham perdido amigas por causa do casamento forçado – tendo sido mandadas para fora da cidade e nunca mais vistas.

Ao analisar os dados PEER dos/as jovens guineenses, uma visão detalhada do contexto social e económico da MGF e dos Casamentos Forçados pode ser construída. A maioria das pessoas entrevistados tinha uma sólida compreensão das questões básicas que envolvem a MGF e os Casamentos Forçados, e algumas forneceram uma análise extremamente detalhada e diferenciada das questões, discutindo-as inclusivamente, dentro de um quadro de direitos humanos [por exemplo, '*É uma violação do direito à integridade física, à dignidade da pessoa humana*' (LF13.GB.24), '*mulher é tratada como mercadoria e os direitos humanos são desrespeitados*' (LF20.GB.24)]. Em várias entrevistas delinearam-se ligações entre os casamentos forçados e a MGF, explicando como estas práticas andam, muitas vezes, de mãos dadas, nomeadamente porque, para alguns grupos étnicos, as meninas têm de ser cortadas antes de poderem casar:

*Para já não podemos falar de casamento forçado sem 'fanado' porque são coisas que andam sempre juntas dentro da comunidade fula. Todas as mulheres obrigadas a esses casamentos geralmente são 'fanadas'. Os pais levam as filhas para esses caminhos são agarradas aquelas ideias' (LM4.GB.21)*

Na Guiné-Bissau, a MGF é praticada por certos grupos étnicos sendo que as razões que a sustentam e as práticas concretas associadas, diferem de acordo com o grupo. Tradicionalmente a MGF ocorre como parte de um ritual mais amplo de passagem conhecido como fanado<sup>26</sup>. Quer as meninas como os meninos passam pela 'circuncisão' para se 'purificarem' e cujo significado é a passagem para a vida adulta. As meninas são cortadas por mulheres e os meninos são cortados pelos homens. As meninas, geralmente adolescentes, são levadas em grupos para tendas ou cabanas sagradas, onde ao longo de um período de tempo aprendem a ser uma boa mulher (os costumes étnicos, estilo de vida e valores) e é aí também são submetidas à MGF. As *Fanatecas* (pessoas que fazem o corte) ganham dinheiro com a organização e realização destes rituais. É um ritual muito público: uma vez cortadas as meninas, é feita uma grande festa para celebrar (ver citação 1 no Anexo 2 de um exemplo da experiência de fanado de uma menina). Um dos entrevistados descreveu a existência de cortes em massa no mesmo lugar e na mesma data a cada ano numa determinada parte do país – algo que era de conhecimento público, mas o governo não fez nada para intervir.

<sup>26</sup> Isto parece ser similar à iniciação da sociedade secreta *Bondo* que ocorre na Serra Leoa.

Mesmo que a legislação exista, as normas sociais em torno da MGF podem ser muito poderosas, operando em diferentes níveis da sociedade, de tal forma que há uma limitada vontade política e interesse do público para fazer cumprir a lei.

Nem toda a prática da MGF ocorre nestas tendas/barracas especiais: uma entrevistada disse que ela tinha sido cortada no hospital quando ainda era muito jovem (embora ela pense que os hospitais já não permitem isso) e outro entrevistado disse que sua tia era uma cortadora 'móvel', que visitava a casa das pessoas para realizar a MGF. Anteriormente, ela fazia-o na sua própria casa: o entrevistado descreve ter visto filas de pessoas de diferentes países vizinhos (por exemplo, Senegal) à espera para cortar as suas filhas - mas após a morte de várias meninas ela começou a trabalhar deslocando-se casa a casa<sup>27</sup>.

Várias pessoas entrevistadas sabiam de meninas que estavam tão ansiosas para experienciarem o fanado que desafiaram os desejos dos seus pais e tentaram fugir para participar, mostrando o quão poderosas são as normas sociais que normalizam este ritual, fazendo com que as meninas se sentam como estranhas na comunidade se não fizerem parte dele.

Na Guiné Bissau, findo o rito de passagem pela menina, ela é considerada purificada, sendo que as que não foram cortadas são consideradas '*blufo*', ou impuras, e estão sujeitas a ser gozadas e maltratadas. Diz-se que estas crenças e rituais foram transmitidos pelos antepassados há muitos anos [*a comunidade vê nelas um legado sagrado dos seus antepassados e fonte de inspiração e transmissão dos valores mais nobres da sua cultura aos filhos*' (LM16.GB.23)]. Argumentos de pureza religiosa e sexual bem como aptidão para casar, são também utilizados para justificar a prática:

*Porque dizem que a religião defende que uma mulher muçulmana tem que ser circuncisada para que possa ser considerada pura na sua comunidade e só assim é que ela pode conseguir um marido.* (LF3.GB.28)

Vários entrevistados guineenses também descreveram a importância da pressão social na perpetuação da prática: '*mesmo não concordando são obrigadas a segui-las sem questionar*' (LF6.GB 0,23) e '*a prática é vista como algo normal e naturalmente aceite por toda a comunidade*' (LM16.GB.23). Assim, eles sentiram que é importante para toda a sociedade mudar a sua mentalidade a fim de acabar com a prática.

<sup>27</sup> A MGF não foi proibida na Guiné-Bissau até 2011.

*E quando nos atrevemos a questioná-lo ou mesmo a pô-lo em causa, ou se levantam as vozes dos conformistas como as da minha tia (que me criou) ou dos mais velhos que nos reprimem logo, e acabam por abafá-la, acusam-nos de tentarmos desafiar a tradição e sermos produtos e imitações dos brancos, (ocidentais). E quando se é criança melhor ainda pois é mais fácil, dizem-te logo que não sabes do que estás a falar, hás-de compreender quando fores mais crescido. (LM9.GB.20)*

Muitas das pessoas entrevistadas também discutiram os fatores económicos subjacentes à continuação da MGF, em particular, o facto de as Fanatecas gerarem rendimento com o corte:

*Tenho uma tia 'fanateca', todos os anos quando vou passar férias a casa dela é natural encontrar a festa da saída de barracas de mulheres. É uma festa bonita. Elas vestem trajes muçulmanos, cobrem a cabeça, cantam, dançam e passam pelas ruas das 'tabancas' a cantar. Este é o negócio da minha tia, os pais pagam por cada criança que levam para ser 'fanada' por ela, na saída ela ainda ganha alguns troquinhos. A minha tia trabalhou a vida toda como 'fanateca', ou seja, passou muitos anos a fazer este negócio dificilmente poderás convencê-la que está errada. Se ela parar o dinheiro que fazia com 'fanado' como é que o recuperaria? Essas coisas mexem com a tradição, com a nossa cultura e com sustento de muita gente. É impossível dizer que a minha tia não foi informada, simplesmente ignora a informação que lhe foi passada, pelas organizações que lutam contra o 'fanado' de mulher. Enfim, ela ganha dinheiro com o 'fanado'. (LM4.GB.21)*

Havia consciência generalizada entre os jovens guineenses que a MGF não tem base religiosa e que o Alcorão/Hadiths podem ser erradamente citados para justificar a prática.

O tema da MGF tem estado na agenda das organizações não-governamentais (ONGs), dos profissionais médicos e dos meios de comunicação (TV e rádio) na Guiné-Bissau nos últimos anos. Disseram que os níveis de conhecimento sobre os riscos associados à MGF são elevados na população em geral na Guiné-Bissau. No entanto, interesse próprios, fatores religiosos e económicos continuam a impulsionar a prática, juntamente com a falta de estruturas governamentais para responder de forma eficaz ao problema. Vários entrevistados também descreveram que foi só quando deixaram a Guiné-Bissau e foram expostos a uma nova cultura e modo de ver o mundo que ganharam 'uma percepção mais clara e profunda do mal que são essas práticas' (LM9.GB.2). Por outras palavras, a informação sobre os riscos por si só não foi suficientes para fazê-los questionar a prática, aparentemente normal e amplamente aceite. Uma nova perspetiva, informada através de normas culturais e valores diferentes aos quais foram expostos em Portugal, contribuíram para a sua rejeição da prática.

Tinham conhecimento de ativistas que trabalham no terreno para acabar com a MGF na Guiné-Bissau. Um dos entrevistados descreveu uma ministra dos Negócios Estrangeiros, uma ativista de destaque contra as práticas nefastas, que recebeu ameaças de morte mas ainda assim continuou a lutar contra estas práticas. Nos últimos anos, as tentativas dos ativistas anti-MGF têm sido no

sentido de alterar o rito de passagem (fanado), para impedir o corte mas manter os outros componentes. Um dos entrevistados afirmou que, embora não concordando com a MGF, o *fanado* é um importante rito cultural: como método de ensino, forma de disciplina e rito de passagem para a vida adulta. No entanto, a tentativa de remover a componente da MGF do ritual, foi recebida com superstição e medo pois as pessoas acreditam que isso vai ofender os seus antepassados. Um dos entrevistados descreveu os esforços de um médico local que ia de casa em casa para persuadir as famílias a não submeterem as suas filhas ao corte: o seu conselho não foi bem recebido e as pessoas não quiseram falar sobre isso. A história seguinte é a de um jovem que não conseguia convencer a sua mãe a '*largar a faca*' e ilustra muito bem o quanto enraizada a prática pode ser e como é difícil, para os membros da família, produzir mudanças mesmo dentro das suas casas:

*O meu avó paterno tinha duas mulheres, fazia MGF e quando lhe perguntavam quando é que ia pôr a faca de lado, ele dizia que era ali que ganhava o seu bocado e foi assim até morrer, nunca chegou a pousar a faca. E como manda a tradição o filho mais velho é que tem que herdar isso, a minha mãe sendo a mais velha dos filhos ainda continua fazê-lo. A minha mãe fez isso em cada uma das suas filhas, e até nas suas netas. O meu cunhado sempre disse que não queria nada disso, e uma vez o que a minha mãe decidiu fazer foi esperar que o marido da minha irmã saísse para trabalhar e pegou na minha sobrinha e fez-lhe isso. Quando ele chegou ficou furiosíssimo, mas com toda a razão. Disse que só não denunciou a minha mãe porque nos respeita muito, e também porque está casado com uma filha dela, mas eu encorajei-o seriamente a fazê-lo. Porque mesmo se não fosse denunciá-lo às autoridades, mas devia denunciá-la a algumas destas Ligas. Assim para poder ser questionada se tem noção do que acabou de fazer, se tem noção das consequências. Eu sempre a aconselhei a parar com isso mas ela diz sempre, sim, sim hei de pará-lo, mas nunca chega a parar. Quando foi aprovada a lei que considera isso um crime, eu alertei-a e disse-lhe que ela pode ir presa a qualquer momento. Eu lembro-me bem, na minha casa havia sempre muita gente e faziam-se filas, mães, avós e tias apareciam para mutilar as suas meninas, e ainda gente vinda da Guiné-Conacri, Senegal e até mesmo da Mauritânia. (LM8.GB.20)*

A maioria das pessoas entrevistadas estavam cientes da lei recentemente aprovada contra a MGF na Guiné Bissau<sup>28</sup>, e vêem-na como um sinal de esperança, contudo estavam cientes que a mesma era controversa e admitiam que era de difícil implementação [*'mas o que reina é a força da religião'* (LF6.GB.23)]. No entanto, em algumas entrevistas é dito que não acreditavam que havia uma lei contra a MGF na Guiné-Bissau, e que muitas outras pessoas não sabiam da sua existência.

<sup>28</sup> Em Junho de 2011, a Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau aprovou a lei que proíbe a MGF em todo o país.

*A minha própria mãe é 'fanateca', apesar de o meu pai não gostar ela continua a sê-lo. Quando tento conversar com ela nesse sentido para deixar de ser 'fanateca' ela fica muito chateada comigo porque acha de que não é justo ela deixar de o ser porque é uma coisa que herdou da sua mãe e avó e que nunca viu o mal que o 'fanado' causou numa rapariga, e ela está determinada a continuar a ser 'fanateca'. Porém quando foi aprovada a lei que proíbe o 'fanado' da mulher ela disse-me que prefere ir presa ao invés de deixar de ser 'fanateca. Ela está em Bissau e continua nisso sempre que lhe é solicitado, aceita porque para ela isso é uma tradição que não pode deixar de cumprir. (LM2.GB.28)*

Em termos de consciencialização da lei em Portugal, toda a gente estava ciente de que o casamento forçado e a MGF seriam puníveis nos termos da lei portuguesa, e muitos sentiram que este facto poderia desencorajar as pessoas em continuar a prática. Um entrevistado conhecia uma mãe guineense residente em Portugal que tinha expressado o desejo de ver as suas filhas submetidas à prática da MGF na Guiné-Bissau mas que tinha decidido não ir em frente com isso devido ao medo de ser acusada.

Além dos argumentos relacionados com os direitos humanos usados contra a MGF, que muitos dos entrevistados conseguiam articular de forma muito clara, os dados revelam que os jovens guineenses em Lisboa têm altos níveis de consciencialização sobre as consequências da MGF para a saúde também na sua psicossocial. Descreveram como a MGF pode diminuir a capacidade de resposta sexual da mulher ou causar dor durante o sexo - o que resulta na falta de satisfação sexual e que pode, por sua vez, levar a problemas nos relacionamentos.

Também descreveram os riscos enfrentados durante o parto como resultado da MGF, o risco de infeção durante a prática da MGF (especialmente devido ao facto de se dizer que as *Fanatecas* usam a mesma faca em várias meninas), a dor durante e após o corte, perda de sangue e até mesmo morte. O trauma psicológico resultante da prática foi identificado como sendo a longo prazo e potencialmente devastador.

Embora a grande maioria dos exemplos dados sobre MGF estivessem relacionados com a Guiné-Bissau, houve algumas indicações de casos reais entre a comunidade guineense em Portugal. Um dos entrevistados foi mais longe e chegou mesmo a nomear áreas específicas dentro de Lisboa onde a MGF é realizada<sup>29</sup>; muitos outros relataram que os pais enviavam as suas filhas para a Guiné-Bissau para as submeterem à MGF. Várias pessoas entrevistadas disseram que não tinham a certeza se a prática continua em Portugal, mas que se isso acontecesse, estaria a ser feito de forma escondida e secreta visto as pessoas saberem que é ilegal.

<sup>29</sup> Eram áreas satélite do subúrbio de Lisboa.

*Conheço o caso concreto de uma mãe guineense residente cá em Portugal, que foi de férias com a filha de 6 anos, a qual depois foi mutilada com o conhecimento e consentimento de toda família, que organizou uma grande festa alusiva à saída do 'fanado' da miúda. E quando regressaram a Portugal, algumas amigas e vizinhas souberam do ocorrido e perguntaram-lhe porque é que levou a miúda ao 'fanado', ela respondeu que era a sua cultura e que não havia outro jeito senão levar a miúda cumpri-la tal como os pais dela também tinham feito com ela quando era miúda. (LM17.GB.24)*

Praticamente todo o grupo de jovens guineenses neste estudo não concordava com a MGF, e muitos eram apaixonadamente contra a MGF, expressando palavras fortes repletas de juízos morais contra a prática e contra aqueles que a perpetuam [por exemplo, '*Considero essa prática vergonhosa, injusta, e desumana [...] é uma prática bárbara, sem nexo*' (LF15.GB.24)]. Houve opiniões divididas em relação a saber se outros guineenses em Portugal apoiavam a MGF: a maioria disse que os jovens se opunham à prática mas que as pessoas mais velhas poderiam ainda estar '*muito ligadas*' a este aspeto da sua cultura. Um entrevistado disse que antigamente os guineenses costumavam ver a MGF como uma fonte de orgulho e motivação, mas desde que se encontravam a residir em Portugal estavam envergonhados com isso.

Embora muitos destes jovens guineenses tivessem falado sobre o assunto com os seus amigos ou até mesmo dentro da sua família, não havia exemplos de alguém que tivesse falado publicamente ou se exposto numa campanha com alcance público: '*Jovens guineenses [...] têm sempre um papel ativo dentro da nossa comunidade e dentro das suas famílias na luta contra os casamentos forçados e 'fanados' de mulher [...] se a minha irmã quisesse obrigar a filha a uma dessas práticas serei o primeiro a impedi-la*' (LM4.GB.21). Uma jovem expressou o seu desejo de trabalhar em conjunto com a comunidade para acabar com essas práticas, dizendo:

*Eu acho que há muitos guineenses interessados neste tema, começando por mim, tudo o que fazemos é para o nosso bem e das nossas crianças. Acho que se juntarem um grupo de jovens guineenses motivados, dispostos a trabalhar e que conheçam bem o território onde estão a pisar, é possível sim criar uma grande onda de debates a fim de se chegar a um entendimento, e de perceber que este não é só um problema de uma certa etnia, mas sim algo que afeta todo o povo guineense. (LF21.GB.26)*

Curiosamente, esta mesma mulher tinha acabado de contar a história de como a sua irmã tinha, de forma secreta, submetido a sua filha de uma semana à MGF, de que resultou o internamento do bebé no hospital em sofrimento crónico. A exposição pessoal desta mulher às consequências da MGF parece ter ajudado a moldar o seu desejo de fazer algo acerca disso.

Apenas dois entrevistados (ambos homens) - uma pequena minoria - expressaram apoio à MGF. Um dos entrevistados (LM18.GB.20) disse a sua opinião favorável se devia ao facto dos estudiosos muçulmanos concordarem com ela (ele citou um Hadith islâmico dizendo que o



profeta Mohammed aconselhou que as meninas fossem cortadas *'um pouco, não muito'* e com compaixão), dizendo igualmente que o foco da intervenção para a mudança deva ser a obrigatoriedade das *Fanatecas* usarem facas limpas. Outro claramente mostrou o seu apoio à MGF, acreditando que esta é uma prática religiosa que só está a ser rejeitada pelos jovens guineenses em Portugal porque eles *'acham que o comportamento dos ocidentais é melhor do que o nosso'*. Ele ainda disse que não acredita que a MGF prejudique as mulheres e que esta informação foi *'inventada pelos inimigos da nossa religião'* (LM23.GB.20) e foi espalhada por líderes religiosos que foram pagos para isso. Este caso excepcional não é discutido em detalhe aqui, uma vez que está em desacordo com as opiniões de todos os outros participantes no estudo. No entanto, mais detalhes da transcrição desta entrevista estão incluídas no Anexo 2 (citação 2), uma vez que pode ser material útil de formação para ativistas contra a MGF. Antecipando os argumentos que os defensores da MGF poderão expor, os jovens advogados poderão com antecedência desenvolver contra-argumentos sólidos e baseados em evidências.

#### 4.3.2 MGF nos dados de Londres e Amesterdão

Em Londres, muitas das entrevistadas vieram de países onde a MGF não é pensada como sendo altamente prevalente (por exemplo, Irão, Turquia, Líbano), e, assim, disseram que *'não era realmente um problema'* para elas. Não sabiam necessariamente muito sobre a prática para além do que tinham visto ou ouvido nos meios de comunicação. No entanto, outras entrevistadas em Londres tinham um conhecimento aprofundado acerca da propagação geográfica e étnica da prática. Estas eram pessoas que tinham um interesse particular, pessoal ou profissional, na questão e/ou que tinha lido sobre o assunto. Em Amesterdão, algumas das pessoas entrevistadas acreditavam que muitos outros jovens somalis na Holanda não tinha conhecimentos aprofundados sobre a MGF porque os seus pais não falavam com eles sobre os aspetos *'negativos'* da sua cultura.

A atitude predominante entre os jovens somalis em Amesterdão é a de que, embora membros da sua família direta pudessem ter sido afetadas pela MGF (as suas mães ou avós, por exemplo), a visão da situação atual na Holanda era a de que ninguém da sua geração apoia a prática (embora os seus avós possam apoiar), e que a prática tinha sido abandonada [*'nenhum dos meus amigos foi circuncidado'* (AF4.SM.22)]. Disseram que, apesar de na conversação diária o assunto não vir ao de cima com frequência, já não era um tabu falar sobre a MGF, as pessoas discutiam sobre a MGF sem vergonha, e mesmo que as pessoas não quisessem falar sobre o assunto, a informação está prontamente disponível online. A exceção a esta visão era a de um entrevistado que disse que os recém-chegados ao país ainda poderiam querer casar com uma rapariga submetida à MGF.

Uma *'história'* em particular (que deu a impressão de ser um *'mito urbano'* devido ao modo não-específico como foi descrita) foi relatada em diversas ocasiões em Londres e em Lisboa, na qual uma jovem que se havia comportado de maneira considerada sexualmente inapropriada foi

submetida à MGF quando se tornou adulta. A história indica que, como resultado, a menina acalmou e os seus impulsos rebeldes ficaram controlados:

*De acordo com um mexerico, uma jovem iraquiana teve os seus órgãos genitais mutilados por membros da sua família para conter a sua libido. Ela era aparentemente uma jovem altamente promíscua proveniente de uma família iraquiana com bastante sucesso a viver numa cidade do Iraque. Ela teve vários namorados durante a sua adolescência e envolvia-se em demonstrações públicas de afeto. Quando perdeu a virgindade, os pais dela não podiam mais tolerar as suas relações pré-maritais e mutilaram os seus órgãos genitais. Acredita-se que ela ficou completamente transformada passando a levar uma vida pura e casta. (UF22.AR.18)*

Não é possível determinar se esta história é verdade, ou se é simplesmente um conto preventivo. De alguma importância é o facto de que a história termina com a prática da MGF a 'resolver' o problema de comportamento da jovem. Ao contarem estas histórias percebe-se que claramente não concordam com os meios, mas não pareciam questionar se a jovem estava traumatizada ou se estava simplesmente a comportar de forma diferente como resultado da MGF. Um exemplo semelhante foi relatado em Lisboa, a partir de um dos entrevistados, que era simpatizante da prática da MGF:

*'Fanado' mudou por completo a vida da minha prima, ela que era problemática e rebelde mas depois de ter ido ao 'fanado' passou a respeitar mais os pais e os próximos. (LF5.GB.20)*

Ligado a isto, em Amesterdão, a seguinte citação ilustra como alguns dos valores subjacentes são tradicionalmente utilizados para justificar a MGF, mesmo que os meios para alcançá-los tenham mudado: *'Vemos que a MGF é muito desnecessária. Modéstia e assim, é algo que se pode obter com outros métodos'* (AF2.SM). Em Londres, um dos investigadores PEER disse que *'agora existem diferentes maneiras de verificar se uma rapariga é virgem'* (UFPR.SM.23). Embora ela desaprovasse a MGF, a importância fundamental da virgindade - e controlar a sexualidade das mulheres jovens - permanece.

Para as jovens de Londres e Amsterdão que sabiam acerca da MGF, a compreensão dos fatores que impulsionam a prática reflete muitas das análises dos jovens guineenses, embora as origens étnicas dos participantes holandeses e britânicos sejam diferentes das dos jovens guineenses na medida em que aqueles vêm de países onde se pratica o ritual de passagem do fanado. Como principais características que determinam a MGF identificaram a pureza sexual, aptidão para casar, querer controlar/corriger o comportamento de uma menina e não querer que a menina seja posta de parte socialmente. Um entrevistado, embora reconhecendo que as mulheres muitas vezes controlam a prática, argumentou que, no entanto, era um símbolo da sociedade patriarcal: *'É baseado no poder do macho. A psicologia disso é que a prática quebra uma mulher até ao ponto em que as mulheres tornam-se os impulsionadores da prática, ao invés dos homens.*

*Eu acredito que em algumas comunidades as mulheres são mais a favor da MGF devido aos homens terem empurrado a prática para cima delas. Tudo se resume a controle mental' (UM2.CN.26).*

Em Amesterdão houve um consenso quase geral de que todos na Holanda sabiam que a MGF era ilegal. Em Londres, a grande maioria sabia ou assumia que a MGF era ilegal sob a jurisdição britânica mas muitos admitiram que os seus conhecimentos sobre a lei era bastante vago. Houve também conhecimento generalizado em Londres e Amesterdão de que a MGF não é uma prática religiosa e várias pessoas entrevistadas disseram que era positivamente anti-islâmica.

O conhecimento das consequências da MGF era bastante alto em Londres e Amesterdão - e espelhava o relatado de jovens guineenses. Curiosamente, várias versões de uma história semelhante surgiu nos dados de Londres e Lisboa, na forma de história sobre uma mulher que tinha sido submetida à MGF, e que acabou por ter múltiplos parceiros em busca de recuperar a sua sexualidade e descobrir o prazer sexual:

*Eu conheci uma rapariga somali que tinha sido submetida à MGF no Egito, onde nasceu, pela sua tia. Durante a sua adolescência, ela começou a agir mal e de forma rebelde contra os seus pais. Ela começou a ter sexo com múltiplos parceiros e todos sabiam. Ela começou a fumar e beber e parecia muito deprimida. Ela vai falar comigo sobre sua experiência e como ela se ressentia com a atitude dos seus pais, eles queriam controlar a sua vida. Talvez ela estivesse a tentar recuperar a sua sexualidade. (UF7.SM.27)*

A explanação destas histórias sugere que jovens percebem que seja ilógico e ineficaz tentar conter a sexualidade feminina através da MGF.

Em Londres e Amesterdão, ninguém manifestou apoio à MGF, e à semelhança dos/as jovens guineenses, muitos descreveram a sua oposição à prática de forma forte [*'vil e não natural'* (UF29.LB.21) e *'extremamente trágico como nada ético'* (UF30.IR.23)]. Alguém, em Amesterdão, disse que esta é a *'maior tradição que os jovens optam por afastar'* (AF3.SM). Outra pessoa em Amesterdão, disse que os jovens não *"querem ter nada a ver com'* tradições que não gostam - especialmente a MGF. Uma entrevistada da Somália em Londres descreve a sua posição assim:

*As atitudes são divididas entre as gerações mais velhas e as mais novas. A geração mais velha tende a não falar sobre isso, mas [acredita] que deve ser feito. Eles tentam justificá-la como 'Sunnah' (religioso) e também culturalmente como uma regra social. A geração mais nova vê a prática sob uma luz fraca e está em desacordo com as razões que a justificam. A segunda geração está a começar a desafiar as perceções da geração mais velha. A uns anos atrás, era um tema na semana de estudos somalis e foi discutido e condenado abertamente por muitos jovens. A MGF é uma prática feita principalmente em mulheres por outras mulheres . É uma parte privada/vergonhosa do corpo e os homens tendem a ficar afastados da prática. (UF7.SM.27)*

Em Amesterdão, uma jovem entrevistada somali disse que enquanto a sua tia e avó tinham sido cortadas , e '*estavam bem com isso*', a sua geração era descrita como sendo '*rebelde*' - colocando a questão, porque não deveríamos ter prazer? Outra expressou a sua opinião dizendo que, devido à história da Somália, incluindo a história recente de guerra, as pessoas no país não têm a mesma liberdade de expressão para resistir a essas tradições como fazem na Holanda.

Uma descoberta que emergiu claramente dos entrevistados somalis, tanto em Amesterdão como em Londres é que se acredita que os homens não têm, tradicionalmente, um papel direto na MGF. Disseram que na Somália a prática é orquestrada por mães, tias, avós e até mesmo vizinhos das meninas, em vez dos pais. Os entrevistados também sentem que os homens podem saber menos sobre a MGF do que as jovens mulheres.

*Eu penso que as mulheres agora vêem a prática como uma coisa ruim, porque aconteceu com elas. Os homens, por outro lado, não pensam assim tanto sobre isso porque não sabem nada sobre isso (MGF) e sobre as suas consequências . (AF7.SM.18)*

*Eu acho que muitas raparigas são contra a MGF. Ela tem muitos efeitos negativos sobre a saúde da mulher. Eu acho que muitos jovens homens não a consideram má porque sabem muito pouco sobre a prática. Eu acho que quando eles souberem mais sobre a prática e as suas consequências para a mulher, então aí irão vê-la como algo que não pode ser mais praticado. (AF9.SM.18)*

*Como jovem somali eu acho que a prática é desnecessária. A atitude está lentamente a mudar e eu não consigo enfatizar o suficiente que os homens não têm nada a ver com a prática. (UF9.SM.23)*

### 4.3.3 Casamentos Forçados

Esta secção contém dados sobre os Casamentos Forçados, principalmente de Lisboa e Londres. Em Amesterdão, a questão do casamento forçado foi considerado de relevância ou importância muito limitada na comunidade somali e ninguém relatou nenhum exemplo de que isso acontecesse na Holanda entre a comunidade somali (embora alguns exemplos não específicos fossem dadas de meninas a casarem-se quando foram enviados de volta para a Somália para '*reabilitação cultural*').

As pessoas inquiridas em Lisboa relataram que os casamentos forçados ocorrem entre todos os grupos étnicos da Guiné-Bissau. Relataram um grande número de histórias de casamentos forçados, o que sugere que é um fenómeno bem conhecido e que muitos/as jovens guineenses têm experiência em primeira mão (ver o exemplo abaixo, e também a citação 3 do Anexo 2). Muitas das histórias de casamentos forçados descrevem as mulheres a ser forçadas a casar com homens muito mais velhos ou casos de casamento precoces (em que a menina tinha idade

inferior a 18 anos) ou ambos. Também disseram que o casamento forçado estava a diminuir e prevalecente principalmente nas áreas rurais do interior do país onde os níveis de escolaridade são mais baixos, a pobreza é mais elevada, e em que as crenças religiosas são mais conservadoras. Também foram mencionados um pequeno número de casos de casamentos forçados ocorridos em Portugal.

*Tinha uma vizinha na Guiné na altura devia ter 17 anos quando foi levada para o casamento. Os pais estavam a preparar o matrimónio sem o conhecimento dela. Um dia apareceu o suposto marido para a conhecer. Foi nessa altura que ela soube que ia ser dada em casamento. O homem devia ter entre 40 e 45 anos e era do interior da Guiné. Nesse dia ela fugiu de casa, passados dois meses os pais descobriram o seu paradeiro, pegaram nela no mesmo dia e fizeram a festa do casamento e o marido levou-a para o interior da Guiné. Foi a noiva mais infeliz que já vi na minha vida, até hoje. Passados dois meses voltou para o bairro, com medo de chegar a casa porque se os pais descobrissem, seria levada de volta para casa do marido. Entretanto, ficou na vizinha que com medo contou aos pais, que por sua vez levaram-na para a casa do marido. Passado um ano voltou a fugir, mas com um filho no braço e ela tinha só 19 anos quando voltou, ficou sensivelmente 6 meses, em casa do pai, depois apareceu o marido que a levou de volta. Ela já não era a mesma pessoa. Triste e infeliz e parou de ir à escola. Chegou uma vez a confidenciar à minha prima que o marido obrigava-a a fazer sexo. E se ela recusasse batia-lhe. Ela tinha que ir ao campo trabalhar com as outras mulheres, a fim de sustentar a casa, por isso parou de estudar. Com o tempo a luta pela liberdade deu fruto, ela conseguiu, efetivamente, separar-se do marido. (LM4.GB.21)*

A visão analítica sobre a dinâmica por trás dos casamentos forçados foi muito elevada entre os/as entrevistados/as guineenses e de Londres. Explicaram como o casamento forçado era uma natural extensão do sistema social patriarcal: devido à falta de voz e poder das mulheres e ao estatuto sagrado da palavra do pai, as jovens mulheres podem ser forçadas a casar sem o seu consentimento - geralmente com homens muito mais velhos. Isto pode ser feito através de '*chantagem emocional*' para que a jovem mulher se submeta e obedeça. As entrevistadas em Londres também falaram sobre a manipulação (ao invés da força física), que poderia empurrar uma jovem mulher para um casamento forçado. A história a seguir descreve uma série de formas de coação aplicadas a uma jovem em Londres:

*Uma menina afegã com quem andamos na escola (16 anos de idade) tinha um namorado que o pai não aprovava, ele era de uma tribo afegã diferente. O pai ameaçou-a para quebrar laços com o rapaz ou ela iria arrepender-se. Ele arranhou um casamento entre ela e seu primo no país de origem, ela estava para retornar ao Afeganistão daí a poucos meses. Enquanto ele estava organizando o retorno dela, ela continuou a ver o namorado e foi apanhada com ele por outros membros da comunidade afegã. O seu pai agrediu-a fisicamente e cavou uma cova no quintal e disse-lhe que era lá que ela iria acabar se ela não cooperasse. Um mês depois, ela não teve escolha (devido a abusos*

*físicos), a não ser fugir com seu namorado, desde então eles casaram-se e começaram uma família. (UF6.PK.2)*

Em Lisboa e Londres, os fatores económicos foram identificados como uma força motriz por trás da prática. Na Guiné, estava ligada à pobreza generalizada, pois os pais recebem a riqueza da noiva ao casar as suas filhas (o casamento foi descrito como *'um negócio'* por um entrevistado). Em um dos casos, foi dito que uma viúva forçou a sua filha a casar-se com um homem muito mais velho em troca de viver numa das suas propriedades (ou seja, a filha foi usada como pagamento para a renda). Em Londres, os fatores económicos ainda estavam em jogo, mas eram mais propensos a estar relacionados com famílias que querem aumentar a posição social ou económica da família, por exemplo, forçando a sua filha a casar com o filho de um parceiro de negócios estrategicamente importante. Uma entrevistada em Londres, disse que na sua comunidade (Bengali), aumentou o nível educacional das mulheres e a independência financeira fez com que *'os casamentos por amor'* se fossem tornando mais comuns (e os casamentos arranjados e forçados menos), destacando a importância dos fatores económicos na dinâmica conjugal. Outro fator importante para a realização de casamentos forçados foi descrito por vários entrevistados em Londres: o desejo de algumas famílias (na maioria das vezes árabes) para manter o casamento *'dentro da família'* (a família ampla) - o que poderia resultar em pais a forçar a sua filha a casar com um indivíduo em particular. Tanto em Londres como em Lisboa, os entrevistados identificaram como outro motivo para realização dos casamentos forçados o medo da vergonha ou a desonra a ser trazida para o seio da família devido a meninas que têm sexo antes de casar ou que engravidam. Os pais agiriam rapidamente - ou preventivamente, se sentissem que uma menina tinha atingido a idade em que o casamento era necessário, ou se suspeitassem que ela tinha um namorado - para ela se casar e evitar manchar o nome da família.

Em Londres, um pequeno número de entrevistadas sabia em primeira mão de casos de casamento forçado. A maioria disse que era mais um problema no exterior ou algo que afetou as gerações anteriores. No entanto, há um consenso geral de que havia um maior entendimento acerca do casamento forçado do que acerca da MGF no Reino Unido, por causa do seu perfil mais mediático. Vários exemplos foram contados acerca de experiências de casamentos forçados na geração mais velha (envolvendo tanto as suas próprias mães ou as de amigos), como no caso seguinte:

*Você senta-se, olha para o seu marido e força-se a amá-lo. Para ter relações sexuais com ele é porque você tem de o fazer, para mostrar. Por orgulho, pelo nome da família e pelos seus filhos você está presa nesta relação até a sua filha se casar. E você acaba por ter vivido toda a sua vida para os outros e nem um minuto para si...explica a minha pobre mãe. (UF19.KD.24)*

Além disso, vários entrevistados sabiam de amigos e outros conterrâneos que tinham experienciado o casamento forçado (por exemplo, uma jovem mulher disse que sabia de casos de

paquistaneses nascidos na Grã-Bretanha que haviam sido submetidos a casamentos forçados em viagens para o Paquistão, outra jovem indiana disse que conhecia pessoalmente vítimas de casamento forçado). Por exemplo:

*A minha ex-[namorada] foi forçada a casar aos 16 anos. Os pais dela levaram-na para o Bangladesh e ela voltou casada. Ela foi para um abrigo de mulheres por alguns meses e divorciou-se, ela diz-me que agora os pais perceberam que aquilo que fizeram era errado mas há um buraco negro no seu coração e ela se sente como se tivesse uma cicatriz, mas ela é poderosa e forte e eu penso que é porque ela passou por muita coisa em criança e não vai deixar nunca mais ninguém magoá-la. (UM23.BG.28)*

Num outro exemplo, uma jovem procurou ajuda através de e-mails do Paquistão para os amigos no Reino Unido:

*A menina foi obrigada a casar com o seu primo. Ela foi levada para o Paquistão em 'férias'. Ela podia sentir que algo não estava certo. Um bilhete de ida foi comprado pela família. Ela percebeu que o velho com quem ela foi obrigada a se casar era o seu primo que ia casualmente ao Reino Unido visitar a família, alguém que ela respeitava como um 'tio'. A família dela ameaçou bater-lhe/matá-la se ela se recusasse. Depois do casamento ela sofreu abusos por parte do marido que a violou e espancou. Entrou em contacto com os seus amigos no Reino Unido por e-mail detalhando a sua situação e dizendo que precisava de ajuda e queria acabar com a sua vida. Os amigos contactaram uma organização de direitos das mulheres. A Embaixada britânica envolveu-se e trouxe-a de volta para o Reino Unido. A família deserdou-a, mas agora estão em contato novamente. [Que efeito tem isso sobre ela?] Ela descreve esse período da sua vida como sendo a pior coisa que ela já experienciou e é agora completamente contra a ideia de casar novamente ou estar noutro relacionamento. Ela acredita que nunca se vai casar de novo porque associa o casamento com abuso e sofrimento. Ela acredita que o casamento é uma tarefa árdua para as mulheres e é para o prazer do homem. Ela agora tem um problema com o álcool e bebe muito para bloquear as memórias traumáticas. (UF12.JM.28)*

O caso seguinte descreve como o namorado de uma rapariga procurou a ajuda da Embaixada Britânica para investigar se ela tinha sido pressionada a casar com um homem no Bangladesh (embora não seja claro a partir da história se ela eventualmente se casou):

*Uma menina que eu conheço completou o seu Certificado de Educação Secundária e passou a fazer um curso de Qualificação Vocacional Nacional de curta duração porque sentiu que tinha de continuar a apostar na educação ou iria ser obrigada a casar. Ela não quer efetivamente continuar com a estudar mas tem medo - porque a mãe dela está sempre a dizer-lhe que ela deveria casar - isso poderia acontecer em breve e o estudo pode ajudar a adiar. No entanto isso não aconteceu, a mãe finalmente encontrou um*

*pretendente no Bangladesh e levou a filha para fora do Reino Unido pressionando a filha para se casar. Ela recusou e ameaçou matar-se. O namorado dela no Reino Unido, entrou em contato com a Embaixada britânica sobre o assunto e eles contactaram a família pedindo para trazê-la para ao seus serviços ou a polícia iria buscá-la. Os pais pressionaram-na para informar a polícia de que estava bem e feliz e ela fez isso. Para ela tal como para muitas outras meninas, sentiu que não havia onde se esconder. Algumas meninas apenas fazem o que querem e não se sentem ameaçadas, outras rendem-se perante os abusos. (UF13.BG.27)*

O grupo de jovens, tanto em Londres como em Lisboa descreveram detalhadamente os resultados potencialmente catastróficos do casamento forçado, reconhecendo que em tais casamentos as mulheres são frequentemente vítimas de abuso físico e psicológico, e que, no mínimo, estes casamentos tendem a terminar em infelicidade (ou mesmo suicídio) e divórcio, com implicações negativas para qualquer criança. As histórias ilustram uma série de resultados (do grupo guineense), desde contos de mulheres que envenenam os seus maridos (estas histórias geralmente não tinham detalhes de fundo e tinham a natureza de um conto preventivo) a histórias muito específicas sobre o que tinha acontecido a amigos que foram vítimas de casamentos forçados, que em vários casos haviam afetado profundamente os entrevistados:

*Lembro-me da minha vizinha, tinha 13 anos quando a mãe arranhou-lhe um noivo, o pai sempre foi contra, mas como era o único quase nada pôde fazer. Costumávamos ir brincar juntas à tarde depois de fazermos os deveres de casa, naquele dia como era habitual fui chamá-la para brincar e quando ela vinha ter comigo a mãe chamou-a e disse que não podia sair e ela muito triste perguntou o porquê (voz trémula) e a mãe só lhe disse que não podia sair, com isso eu fui-me embora. No dia seguinte ficamos a saber que nessa noite era o dia do seu casamento com um homem de 47 anos e que no momento de consumir o ato como ela recusou (tristeza no rosto e voz trémula), tiveram que quatro pessoas, duas a abrir as pernas e dois a segurar os braços para que o marido pudesse, de forma cruel, consumir a união. (LF21.GB.26)*

Os entrevistados (particularmente em Lisboa), também contaram muitas histórias de resistência e fuga, em que as meninas conseguiram fugir com sucesso e evitaram o casamento (o que envolve ter que deixar a casa da família, às vezes por muitos meses) ou escaparam após o evento (muitas vezes assistidas por membros da família ou amigos). Os entrevistados expressaram falta de confiança no sistema jurídico guineense poder fazer justiça por estas mulheres. A história seguinte descreve como uma rapariga em Londres deixou a família quando teve certeza de que seria forçada a casar se ficasse:

*Eu teria sido forçada a casar com o meu primo se tivesse ficado em casa. Eles não me teriam dado escolha. [...] O poder de decisão é todo deles. Três membros da minha família casaram-se no seio da família, e não vejo porque é que seria diferente comigo se eu tivesse ficado. Ouve-se as pessoas dizerem que depois do casamento o casal aprende*



*a amar-se. Isso é o que eles dizem. Nunca se vai ouvi-los a referirem-se ao casamento como "forçado". A maioria das pessoas no país de origem nem sequer pensa que é forçado quando a primeira vez que vê o seu cônjuge é no dia do casamento. Eles simplesmente aceitam que é uma parte da vida e que é a norma. Há mais liberdade e escolha aqui pelo que mais pessoas tendem a lutar. A minha mãe costumava referir que os casamentos são estranhos inicialmente uma vez que não se conhece a pessoa e é preciso tempo para a adaptação. Mas depois acaba-se por acostumar com o outro e o respeito e o amor crescem. (UF11.AF.28)*

Em Londres e Lisboa, explicaram-se que as autoridades nem sempre podiam ajudar, uma vez que as vítimas não querem acusar as suas famílias pois isso poderia colocar toda a família contra elas:

*Eu não acho que as vítimas sejam capazes de falar sobre isso. Mesmo que elas façam isso provavelmente seria em vão, já que iria acontecer de qualquer maneira. Falar com parentes é perigoso se fizerem parte de uma família rígida uma vez que a palavra vai passando. Talvez falar com membros fora da família apenas para tirar isso de dentro do peito, mas raramente como uma medida preventiva. Se eu estivesse com medo eu só queria falar sobre isso. Alguns podem querer opções/ajuda porque não conseguem lidar/querem sair do pesadelo. Falar diretamente com a família é inútil porque não será ouvido. Quando os pais fazem coisas como estas só pensam na sua tradição, não no que os filhos querem. (UF11.AF.28)*

Nos dados de Lisboa, enquanto a maioria das histórias de casamento forçado ocorreu na Guiné-Bissau, houve alguma evidência destes casamentos serem vivenciados em Portugal, como mostram os seguintes exemplos. Na primeira história, não é claro se o casamento forçado ocorreu na Guiné-Bissau ou em Portugal mas o marido da mulher tinha obrigado a mesma a permanecer com ele em Portugal através da manipulação do relacionamento dela com a família residente no país de origem.

*Eu conheço um homem Mandinga<sup>30</sup> que vive ao pé da minha casa, em Monte Abraão, casou-se com uma jovem também mandinga de mais ou menos 20 anos, mas para mantê-la com ele até agora ele liga e manda dinheiro à família da jovem para que estes possam falar com ela sempre que ela quer acabar tudo. Ele praticamente compra a família, manda uma boa quantia de dinheiro à família, para a mãe jóias e roupas para os irmãos e irmãs da jovem mas a verdade é que sempre que ele vai viajar para trabalhar em Espanha ou como recentemente que ele foi para a Alemanha a moça arranhou um 'amante', leva-o para casa, ficam lá até o marido voltar e ele desaparece de novo. Eu imagino qual será o final deste casamento, isto não é uma relação com futuro e por isso não será duradoura porque não foi construída sobre uma base sólida. (LM8.GB.20)*

<sup>30</sup> Um grupo étnico da Guiné-Bissau.

Numa outra história, uma jovem mulher foi forçada a casar com um homem mais velho:

Lembro-me do caso de um casamento forçado que ocorreu cá em Portugal, em Monte Abraão, em que os pais obrigaram a filha de 20 anos a casar com um homem de 48 anos devido às condições económicas que o homem possuía e da grande amizade que este nutria pelos pais da rapariga. No entanto, a rapariga não queria casar com o homem e tentou convencer os pais de que não gostava do marido que eles escolheram mas os pais insistiram e obrigaram-na a aceitar o homem contra a sua vontade. Entretanto, ela acabou por aceitar a decisão dos pais de se casar com o homem mais velho e passaram a viver juntos. Um dia, ela confessou diretamente ao marido que não sentia nada por ele e que este não a satisfazia sexualmente, mas o marido disse que a amava na mesma e que comprava tudo que ela quisesse só para continuar a tê-la a seu lado. Apesar de estar casada, ela arranjou discretamente um namorado com quem traía sempre o marido e amava muito e também a quem dava dinheiro e coisas importantes de valor que o companheiro lhe dava como presente. O marido adorava viajar, assim a rapariga aproveitava a ausência do esposo para trazer para casa o amante, o qual substituíva praticamente o marido em casa. Recentemente abandonou o marido e foi-se juntar com o namorado com quem passou a viver em união de facto e algum tempo depois casaram. (LM17.GB.24)

Em seguida se descreve um caso em que uma jovem mulher consente o casamento mas tenta desistir assim que chega em Portugal. Tais casos destacam a complexidade da questão e neste caso, um casamento que não começou como sendo forçado, tornou-se ao longo do tempo.

Um senhor que residia cá em Portugal quando viu a foto de uma menina que vivia na Guiné e gostou dela. Explicou isso ao pai da menina, que também vivia cá. E o pai contactou a sua filha informando-lhe de que havia um senhor em Portugal que estava interessado nela e estava disposto a mandá-la vir da Guiné para Portugal. A filha que nem conhecia o homem concordou com a ideia só porque ia poder vir para Portugal. Mas quando a menina chegou cá não gostou do senhor e não queria ficar com ele mas o pai insistiu que tinha de ficar com ele, mesmo forçosamente. A menina foi obrigada a casar-se com o senhor. Mas depois quando o senhor queria fazer sexo com ela, ela começava logo a gritar até que um dia os vizinhos chamaram a polícia. Não sei como resolveram na polícia mas só sei que terminaram o casamento. Há algumas histórias assim em que meninas casam pela ambição de chegar à Europa e quando chegam cá tentam desistir do casamento. (LM25.GB.21)

Nestas histórias as mulheres não são enquadradas como vítimas passivas mas sim como agentes que expressam a sua resistência (por exemplo, tendo outros amantes ou fazendo esforços para deixar o casamento) ou mesmo sendo manipuladoras e retirando tudo o que puderem retirar do relacionamento (seja bens materiais ou uma oportunidade para migrar para Portugal). Outros entrevistados que discutiam a existência do casamento forçado em Portugal disseram que se isso acontecesse seria um fenómeno escondido e secreto.

Em Londres, alguns jovens que quiseram enfatizar a questão de também os homens tal como as mulheres poderem ser vítimas de casamentos forçados 'destruidores da alma', e várias histórias

de homens afetados pelos casamentos forçados foram contadas (ver também citação 4 no Anexo 2, que descreve um jovem forçado a casar com a filha do gerente do seu pai no Qatar).

*Eu tenho uma namorada há cinco anos e a minha família desaprova. A minha namorada é de uma herança do Paquistão, mas mesmo assim ela continua a não ser boa o suficiente porque ela não é da mesma casta que eu. Eu ouvi uma conversa entre o meu pai e o meu tio em que meu tio estava a tentar fazer a cabeça do meu pai para ele me forçar a casar com uma prima que está no Paquistão mas o meu pai explicou que estamos numa geração diferente e que temos de trazer alguém que nos apaixonemos e não alguém que está dentro da nossa família e meu tio disse que isso era uma maldição para o nome da família. (UM8.PK.24)*

A maioria do grupo de jovens guineenses expressou a sua oposição aos casamentos forçados. Como uma prática que *'remove uma fase importante da formação e educação da vida de uma mulher'*, que é contrária aos valores geralmente aceites de liberdade e auto desenvolvimento que são tão importantes para as jovens guineenses. Quase todas as suas histórias sobre casamentos forçados ilustram o mal e a *'desgraça'* que a prática trouxe não só para a vítima mas também para o marido e familiares. Os casamentos forçados foram descritos como uma prática cruel e que deixa cicatrizes a nível psicológico. Em Amesterdão, também foram contra a prática, mas não expressaram as suas opiniões de forma tão forte - provavelmente porque não tiveram contacto em primeira mão com casos de casamento forçado como muitos das pessoas guineenses entrevistadas tiveram.

Em Londres, um entrevistado disse que embora os casamentos arrançados fossem *'normais [...], apenas os pais psicóticos o forçariam'* (UF18.KD.20). Outro disse que a geração mais jovem entende o trauma relacionado com os casamentos forçados, e acredita em escolhas. Vários jovens entrevistados em Londres descreveram detalhadamente como o casamento forçado vai contra os princípios islâmicos e que é *'injustificável'*.

No entanto, em todos os países, havia maior ambiguidade moral em relação ao casamento forçado do que em relação à MGF [por exemplo, *'alguns vão olhar para ela como se ela estivesse oprimida mas é apenas a sua cultura e temos que respeitar isso'* (UF16.NG.23) e *'a maioria dos casamentos forçados (cerca de 60% deles) são preparados com boas intenções'* (UF20.AF 0,18)]. Alguns entrevistados argumentaram que em certos casos o casamento forçado foi o resultado de um ato de desespero dos pais, agindo pelos melhores interesses das crianças, numa tentativa de *'salvar'* o filho de um destino pior.

Nesses casos, os entrevistados explicaram, que os pais não consideram que estão a impor um casamento - eles podem ser alheios ao facto de que o casamento foi forçado, pensando que sabem o que é melhor e que estão a casar a sua filha com um *'bom rapaz'*. Uma entrevistada - uma jovem mulher que se descreveu como sendo *'liberal'* - disse que não estava necessariamente

em desacordo com o casamento forçado se fosse feito pelos motivos certos (ver citação 6 no Anexo 2, de um exemplo que esta mulher deu de um casamento forçado '*bem sucedido*').

Como um entrevistado em Londres disse, a geração mais velha '*não entende*' - eles podem não perceber a diferença entre casamentos arranjados e casamentos forçados, mas conseguem dizer se os casamentos são '*bons*' e '*maus*'. Vários entrevistados curdos em Londres disseram que as famílias curdas não conseguiam ver como é que a lei poderia ser aplicada a situações familiares como esta.

Em Lisboa, um pequeno número de jovens assumiu uma postura favorável em relação ao casamento forçado, com um entrevistado a explicar que '*a maioria do casamento forçado dá um bom resultado, no início nunca é fácil, mas acabam por se gostar um do outro*' (LF5.GB.20). Este jovem deu o seguinte exemplo:

*Em relação ao casamento forçado é mais difícil acabar com ele. Continua até hoje a fazer sentido a sua existência. Tenho uma prima, para quem os pais arranjam um bom partido (rapaz). É um bom rapaz, com possibilidade económica, tinha um bom emprego, era jovem, bonito, formado, capaz de dar a ela tudo do bom e do melhor. Ela recusou-o, arranjou um daqueles que faz a vida na feira de Bandim, roubando. Era drogado, parece que não tem família. Ele maltrata-a, bate-lhe, passam fome, fizeram dois filhos, tenho pena dos miúdos, não vejo futuro promissor para eles. Os pais dela sofrem em vê-la a sofrer, o que me faz a pensar que por vezes que esse casamento não é mau de todo. (LF5.GB.20)*

Verificou-se também confusão e indefinição na fronteira entre aquilo que são os casamentos arranjados e os casamentos forçados [*Há uma linha ténue entre os casamentos arranjados e os forçados*] (UF20.AF.18)]. Um entrevistado explicou que a própria vítima pode não classificar o casamento como sendo forçado, a não ser que haja violência física ou ameaças [*Muitas vezes, as vítimas de casamentos forçados estão em negação e convencem os outros, e mais importante, convencem-se a elas próprias de que aquilo que estão a enfrentar é a regra*] (UM21.SD.20)]. Além disso, um entrevistado indiano em Londres disse que uma mulher pode sentir vergonha de admitir que o seu casamento foi forçado e por isso conta a qualquer pessoa que lhe perguntar que o mesmo foi arranjado. Um entrevistado em Londres (UF16.NG.23) descreveu a situação de um amigo indiano que estava sob uma '*tremenda pressão para se casar, e só tem 21*'. Apesar da sua família '*não dizer coisas como: "tens de casar com ele!"*', eles impuseram uma série de restrições relativamente à pessoa com quem ela pode casar (em termos de país de origem, classe social, etc.) É muito difícil delinear uma linha objetiva que estabeleça onde a '*enorme pressão*' se torna '*casamento forçado*'. Ver o Anexo 2 para exemplos destas histórias no Reino Unido (a citação 7, embora descreva supostamente um casamento arranjado, apresenta sinais que sugerem que pode ter havido elementos de força e a citação 8 que descreve uma situação em que uma jovem consegue convencer o pai para não a forçar a casar), os quais podem fornecer pontos de partida úteis para discussões sobre a identificação/definição daquilo que constitui um casamento forçado.

Em Londres, um entrevistado realçou o quão difícil é para os jovens saber o que fazer quando se deparam com alguém em risco ou com uma alegada vítima de casamento forçado (ver citação abaixo). Alguém tinha ouvido falar e elogiou uma iniciativa que aconselhava jovens mulheres com medo de serem levadas para o exterior para um casamento forçado a esconder uma colher de metal nas suas roupas íntimas para que pudessem ser detetadas ao passar pela segurança do aeroporto e assim pedir ajuda.

*Eu conheci uma menina afegã na Mesquita. Ela era de nacionalidade afegã, tinha 16 anos e era casada com um homem de 30 anos de idade de nacionalidade britânica. O casamento ajudou-a a vir para aqui. Ela não se queria casar com o homem mais velho, penso que nem conseguiria dizer que tinha sido forçada porque a sua sogra estava sempre presente quando eu ia visitá-la. Sempre que eu olhava para ela, nunca parecia feliz, podia ver-se na sua expressão facial. Nós nunca conseguimos falar sobre isso porque nunca fomos deixados sozinhos, por isso ela nunca chegou a expressar os seus sentimentos acerca do casamento. Tive a sensação de que as meninas de 16 anos que crescem no país de origem são diferentes daquelas que crescem aqui, elas parecem mais crescidas e mais preparadas para o casamento numa idade tão jovem. Ele provavelmente abusou dela, ela não estava feliz. (UF11.AF.28)*

Num outro caso, uma mulher descreveu como a sua amiga da escola tinha sido forçada a casar com o primo durante umas 'férias' no Paquistão. Ela concluiu dizendo que 'foi muito triste mas aceitamos isso como algo que faz parte da cultura dela' (UF28.SM.26).

#### 4.4 Fontes de Informação

Em Portugal, o sector da sociedade civil guineense é relativamente informal, com poucas organizações comunitárias já estabelecidas. Embora um pequeno número de entrevistados tenha conseguido nomear grupos de trabalho sobre a MGF e/ou casamentos forçados<sup>31</sup>, a grande maioria ainda não estavam conscientes dos mesmos ou não sabiam quem trabalhava com as práticas nefastas. Em vez disso, tinham aprendido sobre os assuntos através da sua própria experiência, através da TV, rádio ou ONGs que trabalham na Guiné- Bissau. O canal de TV RTP África foi mencionado por vários entrevistados como tendo dedicado uma parte da sua programação a estas questões.

No entanto, existe um nível muito alto de apoio mútuo, união (apesar das múltiplas identidades étnicas), comunicação e iniciativas empreendedoras no seio da comunidade guineense, o que pode ser relevante para eventuais campanhas de advocacy ou de comunicação. Por exemplo,

<sup>31</sup> Foram mencionados a Associação Musqueba, Tchintchor (uma organização criada em Portugal com o objetivo de partilhar aspetos positivos da Guiné-Bissau, para combater as perceções negativas existentes acerca do país), a Associação Guineense de Cultura e Solidariedade Social (AGCSS) (cujo presidente já terá escrito um livro sobre estas questões), a Associação de Estudantes da Guiné-Bissau em Lisboa (AEGBL), IGC, União de Mulheres Alternativa e Respostas (UMAR) e APF.

certos indivíduos ou grupos dentro da comunidade guineense trabalham como organizadores sociais, aproximando as pessoas em festas onde todos contribuem com comida e bebida. Um entrevistado disse que é tão simples que basta providenciar comida, bebida e música, e as pessoas aparecem. O povo guineense é descrito como sendo altamente sociável e enérgico e apreciador de música. A comunidade guineense junta-se em dias festivos e religiosos (Natal, Páscoa, Ramadão, etc...), Dia de África, Dia da Independência da Guiné-Bissau (24 de Setembro) e em funerais, batizados e casamentos. Também assistem a concertos de músicos populares. Histórias de integração em Portugal destacam a importância das ligações pessoais com guineenses já estabelecidos no país, os quais podem ajudar na criação de amizades, na aprendizagem da língua e a encontrar acomodações a preços acessíveis bem como trabalho.

Tal como em Lisboa, também em Londres e Amesterdão existe pouco conhecimento dos nomes ou tipos de organizações que oferecem informações ou apoio no âmbito da MGF e dos casamentos forçados. Muitos entrevistados só tinham ouvido falar dessas organizações (por exemplo, FSAN e FORWARD) depois de lhes ter sido apresentado este estudo PEER. Os entrevistados em Londres disseram que a TV somali dá cobertura (e condena) a prática da MGF. Vários entrevistados haviam-se interessado pela MGF e tinham procurado mais material de leitura, tanto em romances como através de informações online. Em Amesterdão, mais do que Londres ou Lisboa, parecia haver um mais alto nível de escolaridade e iniciativas comunitárias (por exemplo, peças de teatro) para informar os jovens acerca da MGF. Os jovens somali em Amesterdão também tinham visto a MGF na TV - e ficaram '*chocados*' com o que viram.

Em relação à disponibilidade e abertura para discutir estes temas altamente sensíveis dentro das suas comunidades, os jovens entrevistados estavam divididos. Em Lisboa, alguns disseram que havia potencial para fazê-lo mas a abordagem teria de ser muito cautelosa e sensível, uma vez que estes são temas '*íntimos e sagrados*', e deve ser reconhecido '*que podem até fingir que querem falar sobre o assunto e aceitar os aconselhamentos mas no fundo não querem ouvir falar nisso*' (LM2.GB.28). Outros não se sentiam confiantes de que a comunidade estaria disposta a se reunir e discutir essas questões, dizendo que as pessoas poderiam rejeitar tentativas de resolução da questão uma vez que: '*os anciãos disseram que é assim que as coisas funcionam, os mais velhos já afirmaram que é assim que as coisas têm que funcionar então é assim e eles não precisam de preocupar muito com isso e sobretudo de estar a desafiar os mais velhos é só cumprir e continuar com a prática*' (LF3.GB.28).

Em Londres, um dos entrevistados disse que '*como gerações mais jovens não nos podemos envolver nas questões das outras pessoas*', o que demonstra que as poderosas hierarquias etárias ainda operam nessa comunidade. Nas três cidades, uma questão que surgiu várias vezes em relação à capacidade/vontade de discutir a MGF com os pais ou os mais velhos foi o facto de que discutir a sexualidade ou os órgãos genitais dentro deste contexto é um tabu, e faz com que as

peessoas se sintam estranhas e desconfortáveis. Uma entrevistada sudanesa sentiu que seria difícil abordar o assunto, especialmente com homens:

*'Na maioria das vezes os homens sudaneses consideram que a modéstia e as boas maneiras são prioritárias, portanto, seria improvável falar com eles sobre a genitália feminina, mesmo em conversas formais, profissionais [...] Na comunidade sudanesa, somos muitas vezes dissuadidos a discutir o assunto abertamente, uma vez que envolve a genitália feminina. Como jovem de 20 e poucos anos, seria bruto e socialmente inaceitável para mim conversar sobre esta prática ou as vítimas afetadas por ela. Eu fui mesmo desencorajado a considerar sequer especializar-me em ginecologia depois do curso de medicina: 'Porque é que queres olhar para vaginas todo o dia?' Dizia a minha avó rapidamente.'* (UM21.SD.20)

Alguns jovens, nomeadamente em Londres, não estavam particularmente interessados em discutir o casamento forçado e a MGF, explicando que essas questões não os afetam a eles ou a alguém que conhecessem. No entanto, havia outros jovens que apesar da falta de implicações diretas, estavam interessados em aprender mais.

O grupo dos jovens guineenses sentiu que, embora houvesse um conhecimento generalizado sobre a MGF, sobretudo dos riscos da prática, o nível de conhecimento das pessoas poderia ser melhorado. Em Londres, um entrevistado comentou que, mesmo se as pessoas soubessem da MGF ou dos casamentos forçados, era necessário disseminar um maior conhecimento para que qualquer um - um professor, profissional de saúde, ou colega de escola - possa identificar com precisão alguém em risco. Muitos entrevistados deram recomendações sobre como as informações e discussões acerca destes temas pode ser melhor divulgada:

- Informações on-line (incluindo sinalização para serviços de apoio) foi referenciado como sendo essencial
- Em Londres, a recomendação mais comum foi a de trabalhar com escolas - e abordar esses temas com base num contexto mais alargado de género e questões culturais
- Uma linha de apoio, para apoiar mulheres afetadas
- Uma entrevistada disse que era necessário trabalhar com os principais membros da comunidade, estudiosos religiosos e líderes comunitários, que condenem abertamente a MGF – sendo que ela sentiu que os estudiosos mais jovens e os académicos estariam mais dispostos a fazer isso
- Uma melhor abordagem da parte dos media acerca do assunto
- Um entrevistado aconselhou o trabalho mais estreito com os pais para lhes mostrar (por exemplo, através de um vídeo) o dano físico que a prática inflige às meninas
- Outro entrevistado recomendou encorajar as mulheres afetadas a compartilharem as suas histórias sobre as consequências da MGF

- Um entrevistado disse que a realização de sensibilizações 'porta a porta' teria maior impacto
- Trabalhar com os governos e os decisores políticos, para garantir que as instituições são menos 'cegas quanto ao género e à cultura'

Um tema que surgiu a partir de várias entrevistas foi que as pessoas devem ter acesso a informações e depois incentivadas a pensar por si próprias e a questionar as razões por detrás das tradições. Em outras palavras, a análise crítica e auto conhecimento são fundamentais:

*Eu penso que é o caso de não fazer escolhas por ninguém, deve-se deixar alguém fazer essa escolha por si próprio, e eu acho que é essa a diferença entre alguém que tem a mente aberta e alguém que não tem. As pessoas não gostam que lhes digam o que fazer ou o que pensar, e se isso acontece elas fecham-se, são mais negativas e menos propensas a novas ideias, porque não lhes foi dada a escolha [...], por exemplo, se eu lhe dissesse que 'aquilo que está a fazer é errado', vai ficar imediatamente na defensiva. As pessoas querem agarrar-se àquilo que lhes é transmitido. (UPR.SM.25)*

O próximo entrevistado guineense levantou a questão de que pode não ser eficaz para os jovens tentar convencer as pessoas mais velhas a mudarem as suas convicções. Em vez disso, ele sentiu que uma influência peer to peer (por exemplo, um líder tradicional mais velho a falar com pessoas mais velhas) seria a única maneira de 'quebrar o mito' da necessidade da MGF:

*A prática também ainda continua por falta de sensibilização entre pessoas com idade mais avançada. A maioria das sensibilizações que são feitas é de jovens a sensibilizarem os mais velhos. Na minha opinião é muito mais fácil um velho convencer o outro porque eles se entendem. Se for um jovem o velho achará que é só mais uma pessoa que não sabe nada da vida que vem falar com ele. É bom não esquecer de que se convenceremos os velhos eles convencerão os seus filhos e assim se quebrará o mito de que é uma prática que vem dos nossos avós. O mesmo também pode acontecer se formos a uma 'tabanca', primeiro temos é de tentar convencer o 'régulo' (chefe da povoação) porque se este for convencido certamente que convencerá os seus súbditos. (LM23.GB.20)*



## 5. DISCUSSÃO E IMPLICAÇÕES

No geral, os resultados do estudo suportam a ênfase do projeto em capacitar jovens como agentes de mudança: estão abertos à ideia da cultura ser adaptável (mantendo certos aspetos mas afastando-se das práticas nefastas), e muitos expressaram desejo e motivação para darem o seu contributo para acabar com as práticas nefastas. Relativamente ao seu interesse em fazer parte de uma rede de jovens advogados, este estudo destaca muitos sinais promissores. Entre uma proporção significativa das pessoas entrevistadas, houve verdadeira paixão e interesse pelas questões, altos níveis de conhecimento e uma sensação de que estes temas são muito reais e são questões sociais e de direitos humanos relevantes [*'Estamos a tentar ser o motor na modernização da nossa cultura'* (LF7.GB.24)]. A dignidade humana, a liberdade e as oportunidades para o auto desenvolvimento foram claramente valores importantes para a maioria. Os dados PEER continham muitas histórias de mulheres que resistiram e escaparam de casamentos forçados, desafiando o controle sexual que lhes era imposto através da MGF. O facto de jovens terem interesse nestas histórias, considerando-as dignas de serem contadas, e muitas vezes enquadrando as protagonistas femininas como admiráveis heroínas sugere que apoiam ativamente esta resistência pois vêem a sua geração como desafiadora e a afastar-se dessas práticas. No entanto, o estudo PEER também identificou alguns potenciais desafios. A secção seguinte evidencia e discute as implicações dos resultados PEER, quer em termos de desafios como em termos de oportunidades ao nível político e programático.

**Trabalhar com homens jovens:** Embora a maioria das entrevistadas e investigadoras PEER fossem mulheres, alguns dos investigadores e entrevistados homens (em particular, em Lisboa) foram advogados muito conhecedores e apaixonados contra as práticas nefastas. O projeto deve considerar a forma de integrar significativamente os jovens do sexo masculino como agentes de mudança. A questão das vítimas de casamentos forçados de sexo masculino surgiu em entrevistas em Londres e o projeto deve trabalhar com jovens advogados para discutir como pretendem eles responder a isso (por exemplo, se preferem argumentar que o foco está em vítimas do sexo feminino, ou permitir que haja espaço no projeto para discutir as experiências dos homens).

**Ajudar os jovens a negociar as estruturas idade/poder:** Os jovens por diversas vezes descreveram uma posição onde simultaneamente valorizavam e respeitavam a geração mais velha, mesmo não estando de acordo com alguns dos valores e práticas que a geração mais velha apoiava. Vai ser complexo e desafiador para eles trabalhar/persuadir as pessoas mais velhas a mudar devido à dinâmica de poder envolvida e também porque é difícil questionar o que o mais velho e 'sábio' diz. Isso também contribui para que seja mais difícil para os jovens falar com os seus progenitores sobre se devem ser submetidas à MGF ou ao casamento forçado. Os jovens vão necessitar de apoio na complexa tarefa de desenvolver abordagens e argumentos contra a

MGF e o casamento forçado mas mantendo uma relação respeitosa com as gerações mais velhas. Por exemplo, jovens advogados/as poderão precisar de apoio em termos de clarificar as mensagens de campanha para o projeto, qual o público-alvo com os quais terão de trabalhar (pode ser decidido, por exemplo, que não é realista trabalhar com as gerações mais velhas e se concentrem nos decisores políticos ou jovens).

**Evitar a estigmatização:** Apesar de terem falado de dotar as práticas nefastas de um perfil mais direcionado aos meios de comunicação social, também se queixaram que muitos dos vários grupos nacionais/étnicos que são mais afetados pela MGF e pelos casamentos forçados têm um perfil negativo nos meios de comunicação social. Será importante para o projeto enquadrar o trabalho dos jovens advogados numa vertente positiva, com foco em histórias de sucesso e mudança positiva, para evitar maior estigmatização dessas comunidades, especialmente nos meios de comunicação social.

**Combater a ambiguidade e aceitação em relação ao casamento forçado:** Os dados mostraram que alguns jovens em certos contextos são solidários com os casamentos forçados, ou então não está claro para eles quando é que um casamento arranjado se torna forçado. Salientar a promoção e compreensão da natureza absoluta dos direitos humanos pode ser útil (por exemplo, que os fins não podem justificar os meios quando estes comprometem os direitos humanos), e consciencializar que a 'força' não tem de ser necessariamente física, basta que haja qualquer tipo de coação. Para outras pessoas, os casamentos forçados - nos seus contextos sociais e culturais - são muito complicados e difíceis de dar resposta pelo que os jovens se sentem impotentes para ajudar as vítimas. Será necessário apostar em formação prática, que possa ser utilizada pelos jovens para poderem apoiar as mulheres em situação de risco quando for necessário (por exemplo, ações de sensibilização em linhas de apoio ou organizações de apoio).

**Contextualizar e tornar estas questões um temática de importância extrema:** Nos três países, as questões dos casamentos forçados e MGF - e suas vítimas - eram vistos, para muitos dos entrevistados, como sendo localizados principalmente '*nos países de origem*' (em vez de na Europa). Deve ser pensado de forma cuidadosa como fazer o projeto europeu CREATE Youth-Net ser considerado relevante para estes/as jovens, que vêem as necessidades e o impacto das práticas a acontecer no seu país de origem mas ainda não sabem como se dirigir a estes problemas de forma pertinente também na Europa. Este parece ser particularmente o caso da Holanda, onde as atitudes dos jovens refletem os resultados de um relatório recente sobre a incidência da MGF na Holanda, o que sugere que a prática é cada vez mais rara (Exterkate 2013). Isso significa que é importante fornecer o estudo de casos e provas, como parte do trabalho de sensibilização com jovens.

**Reconhecendo semelhanças e diferenças entre os temas:** Em algumas comunidades (como as descritas pelos/as jovens guineenses) a MGF e os casamentos forçados estão intimamente

ligados. Ambas as práticas partilham muitos dos mesmos fatores determinantes (incluindo o controlo sobre a sexualidade feminina). No entanto, algumas comunidades são afetadas por uma prática mas não pela outra e há grandes diferenças na forma como a MGF e os casamentos forçados são compreendidos e falados por jovens, os quais precisam ser incluídos nas abordagens para lidar com os temas. Por exemplo, foi sentido que é dada maior visibilidade aos casamentos forçados nos meios de comunicação social no Reino Unido, enquanto a MGF foi considerada, pelos homens, em particular, como sendo um tema mais sensível de se falar ou de se discutir com os progenitores. O casamento forçado foi mais difícil de definir pelos jovens, mas esta ambiguidade já não se coloca no caso da MGF.

**MGF e casamentos forçados dentro de uma estrutura baseada em direitos:** A MGF e os casamentos forçados são violações dos direitos humanos de acordo com os tratados internacionais. São manifestações extremas de violência contra mulheres e crianças, mas também se inserem no contexto de práticas potencialmente nefastas e/ou violentas. Algumas das quais não são percecionadas como sendo "erradas" (sem dúvida, outros exemplos são a 'reabilitação cultural', o castigo corporal, o casamento arranjado através da pressão social). Muitos das pessoas participantes deste projeto tinham já experimentado ou testemunhado o alcance destas práticas nas suas vidas quotidianas. O projeto precisa de antecipar quais as questões relacionadas com os direitos humanos e direitos das crianças que podem surgir ao longo da sua duração.

Da mesma forma, a MGF e os casamentos forçados são manifestações extremas da questão mais ampla da desigualdade de género e do controlo da sexualidade das meninas e mulheres. Será importante para a equipa do projeto perceber qual a sua posição quanto ao seguinte problema: estão verdadeiramente preocupados com as expressões da desigualdade de género/controle da sexualidade feminina (MGF e casamento forçado)? Ou será que também pretendem dar espaço para desafiar os fatores que determinam as práticas - muitos dos quais estão intimamente ligados com a cultura, religião e identidade, e que muitos jovens ainda valorizam?

**Sensibilidades de linguagem e adequação:** A paixão e determinação expressa por muitos jovens para acabar com a MGF é extremamente encorajador para o projeto. Contudo, os jovens advogados podem precisar de ser aconselhados sobre as sensibilidades de linguagem em torno deste assunto, e devem ser ajudados a canalizar a sua paixão de forma produtiva (por exemplo, evitando linguagem que pode ser vista como crítica).

**Explorando definições de MGF:** Apesar dos grupos de jovens entrevistados serem claramente contra a MGF, eles não discutiram o que para eles constitui esta prática. Algumas formas de MGF (por exemplo, beliscar, picar ou desenhar uma gota de sangue a partir do clitóris, muitas vezes

referida como *'sunnah'*) foram considerados aceitáveis em outros estudos<sup>32</sup>, e não são necessariamente conhecidos como sendo contrários à lei. O projeto deve explorar mais profundamente definições e percepções das diferentes formas de MGF, para identificar se esta é uma questão pertinente entre esses grupos de jovens.

**Reconhecendo a complexidade e o contexto:** A estratégia do projeto para se envolver com os diferentes grupos terá de se adaptar às suas diferentes realidades:

### Jovens guineenses em Lisboa

- A questão das práticas nefastas é muito real, imediata e afeta diretamente a população. O projeto deve ser sensível ao facto de que muitos dos jovens com os quais irão trabalhar foram diretamente afetados por estes problemas, e devem ser postos em prática mecanismos de apoio psicológico para responder às suas necessidades, uma vez que o projeto pode trazer à tona sentimentos fortes.
- As redes pessoais são extensas e eficazes, enquanto as organizações formais parecem ter uma influência limitada. Atividades e mensagens podem ser direcionados para encontros sociais, através de redes informais e eventos musicais.
- A APF também deve envolver-se com outras associações existentes mencionadas nas entrevistas e que trabalham com a MGF/casamentos forçados, para descobrir o que já fizeram e investigar se eles gostariam de colaborar no projeto (A APF já começou a fazer isso).

### Amsterdão e Londres

- Para as crianças da segunda geração, filhas de migrantes em Amsterdão e Londres, as questões da MGF e dos casamentos forçados não lhes diz necessariamente respeito, e por isso o seu conhecimento pode ser restrito a histórias que ouviram falar nas notícias.
- No caso dos somalis na Holanda, quer os casamentos forçados como a MGF eram vistos como questões que não lhes afetava imediatamente (com exceção da vulnerabilidade enfrentada pelas meninas quando voltavam para a Somália). Eles podem precisar de ser persuadidos ou informados do facto de que a MGF é ainda uma questão relevante para que possam ser motivados a se tornarem advogados. O facto de eles se considerarem um grupo, mas rejeitarem de forma tão acérrima uma

<sup>32</sup> Katherine Brown et. al. The Applicability of Behaviour Change in Intervention Programmes Targeted at Ending Female Genital Mutilation in the EU: Integrating Social Cognitive and Community Level Approaches. *Obstetrics and Gynecology International* Volume 2013 (2013) [www.hindawi.com/journals/ogi/2013/324362/](http://www.hindawi.com/journals/ogi/2013/324362/)



prática que eles consideram abominável pode tornar mais difícil a sua envolvimento com o assunto.

- O projeto pode precisar de explorar o paradoxo que os jovens (especialmente em Amsterdão) disseram que a MGF já não é um tabu, mas que não se sentem à vontade para falar sobre isso com pais.

## ANEXO 1: Avisos da Entrevista PEER

### Amsterdam

#### Entrevista 1 - Inglês

1. Are men and women's roles different in your community? How/Why?
  - How do young people feel about this?
  - Have expectations (for men and women) changed? If so how?
2. How are roles divided between men and women in the family household?
  - How do young people feel about this?
  - What impact does this have on relationships between siblings and parents? (role models/absent fathers?)
3. Is marriage an important issue at this point in young people's lives?
  - What is considered an appropriate age to get marriage by young people/the older generation?
4. What is considered valuable in a future spouse for your generation?
5. Do parents play an important role in young people's choice of a future spouse?
6. Are marriage, love and sexuality something young people can talk about with their parents?
7. How is interracial marriage viewed in your community? (inter-tribal?)
8. What influences young people's choice in career?
9. How important is it for young people to continue their professional development once married?
10. How do young people view mothers working full time?
  - Does this differ amongst your community? (parents/elders?)

#### Entrevista 1 - Holandês

1. Zijn de rollen van de man en vrouw in jouw gemeenschap verschillend van elkaar. Hoe verschillen ze en waarom verschillen ze?
  - Wat vinden jonge mensen hiervan.
  - Zijn de verwachtingen die men heeft van vrouwen en mannen verandert. Zo ja, hoe?
2. Hoe zijn de rollen van de man en vrouw verdeelt in het gezin/huishouden?
  - Wat vinden jonge mensen hiervan?
  - Wat voor invloed heeft het op de relatie tussen broers en zussen, en tussen kind en ouder. (rolmodellen/eventueel afwezige vaders)
3. Welke beeld hebben jongeren van moeders die een fulltime baan hebben, denk je?
  - In hoeverre verschilt dat van die van de gemeenschap?
4. Is trouwen/ het huwelijk een belangrijk onderwerp in het leven van jongeren?

- Wat wordt door jongeren van jouw leeftijd gezien als een goede leeftijd om te trouwen. En welke leeftijd vindt de oudere generatie (ouders) geschikt?
- 5. Wat zijn volgens jongeren waardevolle eigenschappen die een toekomstige partner moet hebben?
- 6. Spelen ouders een belangrijke rol in het kiezen van een partner van hun kinderen?
- 7. Is het huwelijk, liefde, seksualiteit iets waar jonge mensen over kunnen praten met hun ouders?
- 8. Hoe ziet jouw gemeenschap gemengde huwelijken? En hoe ziet men huwelijken waarbij men uit verschillende clans komt?
- 9. Wat/wie kan de keuze voor een studie/carrière beïnvloeden van een jongere?
- 10. Hoe belangrijk wordt carrière voor jongeren wanneer ze eenmaal getrouwd zijn?

### Entrevista 2 – Inglês

1. How important is culture to young people today?
  - How might this differ with new comers (old/young)?
  - What traditions would young people like to keep/throw away?
2. How important is understanding cultural history to young people? Why?
  - What role does this play in relationships with friends/family/community?
  - Would young people like to know more about their cultural history?
  - Where could they learn about their history?
3. How important is language to young people today?
  - What role does it play in relationships with friends/family/community?
  - Would young people like to know more about their language?
  - Where could they learn about their language?
4. What role does religion play in the daily life of young people?
  - Work, family/community, friends, household
5. What influences the way young people practice their religion? How? Why?
6. What might influence young people's choice in clothing?  
(religion/society/parents/peers?)
7. How do young people think about Heropvoeding (uitleg geven)?
8. How important are clans to your generation? (Role in social interaction/marriage?)
9. Do young people in your community know about FGM?
  - What do young people in your community know about FGM?
  - How do young people feel about FGM?
  - How does this differ to the older generation?
  - How does this differ between males and females?

10. What reasons are given for practising FGM?
11. Has the attitude towards FGM changed? amongst the younger generation/ new comers/  
between men/women?
12. Is FGM something young people can talk about amongst friends/family?
13. How might young people get more informed about FGM?

### Entrevista 2 – Holandês

1. In hoeverre is cultuur belangrijk voor de jongeren van nu, denk je?
  - Welke tradities zijn belangrijk voor jongeren om te behouden of zichzelf van te distantiëren?
2. In hoeverre is kennis van de geschiedenis belangrijk voor de jongeren van nu, denk je? En waarom?
  - In hoeverre speelt dit een rol in hun relaties met vrienden/familie/gemeenschap?
  - Wat zouden ze graag willen weten over hun geschiedenis?
  - Waar zouden ze die kennis vandaan kunnen halen, denk je?
3. In hoeverre is beheersing van de moedertaal belangrijk voor de jongeren van nu, denk je? En waarom?
  - In hoeverre speelt dit een rol in hun relaties met vrienden/familie/gemeenschap?
  - Waar of van wie zouden zij hun moedertaal kunnen leren, denk je?
4. In hoeverre speelt religie een belangrijke rol in hun dagelijkse leven?  
Werk/familie/gemeenschap/gezin
5. Welke factoren beïnvloeden de manier waarop jongeren hun religie praktiseren?  
Hoe?  
Waarom?
6. Wie of wat heeft invloed op de kledingkeuze van jongeren?
7. Wat vinden jongeren van "heropvoeding"? (Geef uitleg)
8. Hoe belangrijk zijn clans voor jouw generatie?
9. Weten jongeren in jouw gemeenschap over meisjesbesnijdenis?
  - Wat weten jongeren in jouw omgeving over meisjesbesnijdenis? (bv. NL Wetgeving t.o.v. meisjesbesnijdenis).
  - Wie bepaalt of een meisje wordt besneden?
  - Wat vinden jongeren van meisjesbesnijdenis?
  - Verschilt dit van wat de oude generatie vindt?
  - Is er een verschil tussen mannen en vrouwen hierin?
10. Om welke redenen wordt meisjesbesnijdenis gepraktiseerd?
11. Is de houding ten opzichte van meisjesbesnijdenis veranderd? (Onder de jonge generatie/  
nieuwkomers en tussen vrouwen en mannen)



12. Is meisjesbesnijdenis een onderwerp waar je met je vrienden en/of familie over praat?
13. Op welke manier kunnen jongeren meer informatie en steun vinden over meisjesbesnijdenis?

## Londres

### Entrevista 1

1. What are your community/society's expectations of young women/men?
  - Are there cultural expectations?
  - To what extent is there pressure around these expectations?
  - Are there differences in mindset/opinions between older and younger generations?
2. Where do young women in our community expect to be in five years' time?
3. How much decision making power/independence do young women/young men have?
4. What do people in your community say about living in the UK?
  - Feeling settled, belonging, identifying, integration
  - Concerns/challenges
  - Positives/benefits
  - Impacts on people's sense of self?
5. Has living in the UK impacted/changed your community's sense of identity or culture?  
How  
so?
  - Values and important issues
6. How does your community feel about its representation in the UK?

### Entrevista 2

1. What is young people's understanding and knowledge about FGM/forced marriage in your community?
  - Do people think it's common/happens in the UK?
2. What's the attitude towards FGM/forced marriage within your community?
  - How does it differ between the older and younger generation?
  - Has there been a change in attitudes towards FGM? If so, how?
  - Do you think there is a difference between men and women's attitudes?

(reason/justification)

3. What is the influence of culture and/or religion on FGM/forced marriage within your community?
4. What are the effects of FGM/forced marriage?
  - Men/women
5. Who is the decision maker (for FGM/forced marriage)?
6. Are members of your community able to discuss FGM/forced marriage openly?
7. What do people in your community know about the law relating to FGM/forced marriage?

What do they think about it?

*If appropriate:*

8. What support is there in the UK for someone affected by FGM/forced marriage? What should there be?
9. What work can be done to prevent FGM/forced marriage?
  - o To help/raise awareness/with young people etc.

*If doesn't know about either:*

10. What do you think would be the best ways for young people find out about/get information about these sorts of issues?

## **Lisbon**

### **Entrevista 1 - Inglês**

1. What do you think about the process of adaptation/integration of young Guineans in Portuguese society?
2. What is the role of education in the development of young Guineans in Portugal?
  - What do you think young people would identify as the main differences between education in Portugal and in Guinea?
3. Does immigration affect the relationship between generations? How?
4. What are young Guineans' views of the roles of men and women in the Guinean community in Portuguese society?
  - Would these roles be different if they were in Guinea?
5. To what extent does religion or culture influence their decision making, behaviour, way of thinking, etc.?

6. In what occasions does the community get together

### Entrevista 1 - Português

1. O que achas acerca do processo da adaptação/integração dos jovens guineenses na sociedade portuguesa?
2. Qual é o papel da Educação na formação dos jovens guineenses em Portugal?
  - O que achas que os jovens poderiam apontar como as principais diferenças entre a educação em Portugal e na Guiné?
3. A imigração afeta as relações entre as gerações? Como?
4. Como os jovens guineenses vêem os papéis do homem e da mulher da comunidade guineense na sociedade portuguesa?
  - Esses papéis seriam diferentes se ainda estivessem na Guiné?
5. Em que medida a religião ou cultura influenciam as suas tomadas de decisão, comportamento, modo de pensar, etc.?
6. Em que ocasiões a comunidade se junta?

### Entrevista 2 – Português

1. What is the position of young people in the Guinean community in Portugal in relation to forced marriage?
  - What are the consequences of this practice?
  - And in relation to FGM?
  - Why do you think these practices persist in the community?
2. What level of knowledge do you think your community has in relation to these issues?
  - Where do they learn about these issues?
  - Relating to legislation, do you know of any? What does the community think about about this, and what level of knowledge do you think that the community has?
  - Is the community prepared to to talk about these issues? Are there organisations who are prepared to talk about these matters?

For all questions also ask:

- Can you share an example or a story that illustrates this situation?
- Why? How? When? Etc.

### Entrevista 2 - Português

3. Qual a posição dos jovens da comunidade guineense em Portugal acerca dos Casamentos Forçados?
  - Quais as consequências dessa prática?
  - E em relação à MGF?
  - Porque achas que essas práticas ainda persistem dentro da comunidade?
4. Que tipo de conhecimento achas que a tua comunidade tem acerca destas temáticas?
  - De onde vem o conhecimento sobre essas temáticas?
  - Relativamente à legislação, sabes da existência de alguma? O que acha a comunidade acerca disso e que conhecimento achas que têm?
  - Está a comunidade disponível para falar acerca destas temáticas? Há organizações disponíveis para falarem sobre esse assunto?

*Para todas as questões perguntar adicionalmente:*

- Queres partilhar um exemplo ou uma história que ilustre essa situação?
- Porquê? Como? Quando? Etc.

## ANEXO 2: Histórias Seleccionadas

N.B. Os nomes e outras formas de identificação foram alterados.

### Citação 1 - Exemplo de Fanado

Conheço uma família que decidiu levar ao fanado umas seis raparigas entre as quais havia uma que tinha 6 anos, e elas foram juntadas com mais de 100 outras raparigas vindas de diferentes famílias e o local onde estavam era uma casa que não era habitada na altura e ainda a casa situava-se perto de uma 'bolanha' que é uma zona muito húmida e como o fanado é feito na época da chuva a casa fica mais húmida ainda, dormiam amontoadas nos colchões que se punham no chão e não havia cama. Entretanto, ficaram por lá durante quatro meses, mas tinham redes de mosquiteiros, tomavam banho de semana para semana e o lugar não tinha condições nenhuma. Portanto quando terminaram de cumprir o ritual voltaram para casa e os familiares fizeram grande festa, mas só que a mais nova estava muito debilitada e o pai reparou nisso então foi falar com a filha para perceber o que é que se passava com ela e ela contou ao pai de que durante o tempo que teve a cumprir o ritual ficou doente durante umas duas semanas e os responsáveis não foram buscar médico para consultá-la só deram-na uns comprimidos paracetamol que foram comprar nos vendedores ambulantes e umas ervas e de facto a febre baixou mas ela continuou com ar de quem está doente e estava, e o pai achou isso grave por não terem sido comunicados da doença da filha (infelizmente não comunicam mesmo quando morrem, só quando terminar o ritual e tiverem a voltar para casa que os familiares ficam a saber se aconteceu algo com as filhas ou não), então o pai ficou revoltado mas não fez nada a não ser levar a filha ao médico e depois ela ficou boa. (LF3.GB.28)

### Citação 2 - Um jovem descreve a sua opinião acerca da MGF e o porquê de a apoiar.

Sobre a MGF os jovens da minha comunidade são contra, porque acham-se mais moderados e acham que o comportamento dos ocidentais é melhor que o nosso. Na Guiné a maioria dos jovens também já é contra por causa das frequentes campanhas de sensibilização que agora são feitas. Aqui em Portugal pessoas da minha comunidade que possam estar a favor são pessoas de idade mais avançada. Porque ainda preservam a nossa cultura e a nossa religião. Não é praticado aqui porque é proibido. Agora também na Guiné estão a tentar proibir mas não vão conseguir porque é uma prática religiosa. Ninguém tem direito de interferir na religião do outro. Devido à proibição que aqui existe é que os pais levam os seus filhos para a Guiné a fim de praticar o 'fanado'. Há pais que levam suas filhas para passarem férias na Guiné e aproveitam e lhes fazer o 'fanado'.

A MGF tem como consequência a purificação da mulher e ainda faz com que a mulher seja mais respeitada e as mulheres que são submetidas ao fanado têm um bom comportamento e sabem respeitar os seus maridos. Fazer isso é agir de acordo com as normas da nossa religião.

A MGF ainda continua porque é uma prática religiosa que vem desde o início do Islão. Não devemos deixar que acabem com ela porque é uma prática religiosa. Sei que agora estão a dar dinheiro a alguns sábios muçulmanos a fim de estes dizerem que isto não está no Alcorão. Eu também sei que não está no Alcorão mas é um ensinamento do nosso profeta e todo o verdadeiro muçulmano sabe que não se deve basear somente no alcorão porque também temos Sunnah (ensinamentos) do profeta que também deve ser cumprido. Mas estes ditos sábios esquecem-se que Deus diz no alcorão que todo o muçulmano deve seguir os ensinamentos do seu mensageiro. Se alguém me comprovar que isto não faz parte dos ensinamentos do nosso profeta então ali poderei admitir que seja abandonada. Mas essa pessoa deve ser um grande conhecedor do Alcorão e dos ensinamentos do Nosso profeta.

O conhecimento que a minha comunidade tem de casamento forçado é de que é uma má prática porque respeita apenas a vontade de um dos cônjuges e nalguns casos de nenhum dos dois. Quanto ao fanado a maioria tem conhecimento de que é uma má prática porque, segundo o que dizem, faz mal à mulher. Esses conhecimentos vêm de sensibilizações e de órgãos de comunicação social. Eu pessoalmente não acredito que faz mal à mulher, tudo isso são histórias inventadas por inimigos da nossa religião. Se não fosse verdade não seria recomendado pelo nosso profeta. Dizem que faz a mulher sentir muitas dificuldades no momento de dar à luz e isso também não é verdade. Se formos ver vamos constatar que as mulheres com maior número de filhos são muçulmanas, porque nos país de predominância muçulmana não há problemas de queda de taxa de natalidade. Há ainda os que dizem que a mulher não sente o máximo de prazer no ato sexual. Isso também não é verdade. Se disseses a uma mulher que ela não sente o máximo de prazer no ato sexual e que tu sentes mais ela poderá acreditar porque não tem como comprovar. Alguém pode chegar a tua frente e te dizer que é mais feliz do que tu mesmo se no fundo tu és mais feliz que ele mas se consegue disfarçar bem o que sente tu podes acreditar. Se conseguirem proibir o fanado de mulher o próximo passo vai ser a proibição do fanado do homem. O que devem fazer é melhorar as condições em que são feitas o fanado, isto se na verdade preocupam-se com os direitos da mulher.

De certeza que há leis que proíbem-nos. Porque se aqui não é praticado é porque há algo que o proíbe, e tu mesmo sabes que aqui quando violas a lei a polícia vem logo atrás de ti. Eu pessoalmente acho que a lei que proíbe o casamento forçado é uma boa lei e tem razão de existir mas lei que proíbe o fanado de mulher é uma lei injusta. (LM23.GB.20)

### Citação 3 - Um exemplo de casamento forçado:

Conheço um homem na Guiné-Bissau que vivia numa tabanca situada na zona Leste do país que escolheu marido para a sua filha sem a consultar e depois que a filha soube ela não quis o marido alegando de que não conhecia o homem com quem se ia casar e depois a tabanca onde ela vivia e a do suposto marido era muitíssimo distante.

O pai manteve-se muito determinado para a realização do casamento dizendo que não vai anular o casamento e que custe o que custar a filha tem que lhe obedecer, aliás o próprio pai não conhecia o senhor. Porém o casamento foi realizado e como ela não queria o marido ele a maltratava e a proibia de falar com os vizinhos da tabanca, levava-a para a mata quando ia trabalhar e ela passava lá o dia todo mesmo não fazendo nada e depois o marido não a deixava ir visitar os pais e os irmãos e o pai também não foi visitá-la durante anos e ele recebia sempre notícias que diziam de que a filha não estava a ser bem tratada. Mas mesmo assim ele ignorava, só passados muitos anos é que ele foi ver a filha quando ela já estava muito traumatizada e muito doente por causa dos maus tratos e hoje ela sofre de perturbação mental porque não teve a ajuda dos pais e sentia-se abandonada e deixada à própria sorte, e agora ela voltou para a casa dos pais e não melhorou em nada, cada vez está a piorar mais. (LF3.GB.28)

#### Citação 4 - Casamento forçado de um homem

Mahmood era um imigrante iraquiano nascido no Reino Unido. O seu pai tinha sido obrigado a fugir durante o regime de Saddam Hussein. Ele terminou o ensino secundário no Reino Unido numa prestigiada escola particular. As propinas foram pagas pelo salário combinado dos pais enquanto que a irmã mais velha foi retirada da escola com 16 anos para colmatar as despesas da família. Este óbvio favoritismo pelo irmão foi a principal causa de discussões dentro da família. O pai de Mahmood mudou a família para o Catar em 2003, mas o seu filho continuava matriculado numa respeitável universidade no Reino Unido. Mais uma vez, as propinas foram cobertas pelos rendimentos dos pais e da filha. Mahmood especializou-se em finanças e negócios, enquanto o pai esperava avançar na sua própria carreira como empregado de uma companhia de seguros do Médio Oriente. A ênfase da família na educação de Mahmood foi motivada essencialmente pelo seu desejo de recuperar a sua posição social antes do governo de Saddam. Eles haviam perdido toda a sua segurança financeira, fugindo do Iraque, onde os seus bens foram confiscados, e no Reino Unido, eles foram forçados a trabalhar em empregos de baixa remuneração enquanto viviam num apartamento de um quarto. O seu pai esperava avançar o seu próprio estatuto social tornando-se um dos sócios da companhia de seguros do Qatar. Esta tarefa revelou-se particularmente difícil devido à sua falta de qualificações e referências. O pai de Mahmood descobriu que a filha, de 45 anos de idade, do seu gerente de secção era solteira. Isso porque lhe faltavam habilidades sociais e passou algum tempo nos EUA em busca de tratamento médico para a esquizofrenia. Com o estigma associado a problemas de saúde mental esta mulher de 45 anos de idade, não tinha possibilidade de casar. Ele elaborou um plano para casar o seu filho com esta 'solteirona'. A sua filha tinha três filhos do seu casamento pelo que os netos já não eram uma prioridade para o pai de Mahmood. Mahmood resistiu até o fim mas acabou por se render depois de vários incidentes angustiantes.

A recusa do seu filho teve um efeito negativo sobre a saúde do pai - ele sofreu um acidente vascular cerebral e usou isso como vantagem. Até mesmo a família chantageou Mahmood, uma tia idosa exigiu as suas jóias de volta (um presente de casamento para a irmã de Mahmood). A sua mãe entrou com depressão clínica para uma psiquiatra e, em seguida, a irmã de Mahmood ameaçou deserdá-lo, se ele se recusasse a casar com solteira de 45 anos. Mahmood finalmente consentiu e casou-se com uma mulher socialmente desajeitado. Por conseguinte, ele perdeu a sua oportunidade de paternidade, mas a sua família foi capaz de recuperar a posição social anterior.

## Citação 5 - Crime de honra

Embora a violência baseada na honra seja muito rara na minha comunidade, há alguns casos em que crimes de honra têm ocorrido. Eu não conheço ninguém pessoalmente afetado por este problema mas fomos informados sobre uma história em Birmingham. No entanto, é importante mencionar que histórias sobre crimes de honra são muitas vezes inventados para gerar o medo na comunidade. Aparentemente, um jovem afegão de segunda geração, proveniente de uma família empreendedora com bastante sucesso, foi assassinado por um grupo de rapazes paquistaneses devido a um suposto relacionamento com a sua irmã. A irmã de 22 anos, era a segunda esposa infeliz de um viúvo de 45 anos de idade (que tinha dois filhos mimados de um casamento anterior). A rapariga estava profundamente infeliz com o casamento forçado e começou um caso com o jovem afegão que prometeu casar -se com ela. Escusado será dizer que o assunto foi logo descoberto, enquanto a menina implorava por misericórdia, o seu amante foi morto à luz do dia. Qual a percentagem dessa história que é verdadeira é irrelevante mas tem todos os ingredientes de um crime de honra.

## Citação 6 - Um casamento forçado de sucesso

A Hanifa era uma jovem afegã de 21 anos vinda de um fundo bastante liberal. Ela nasceu e foi criada no Reino Unido, frequentou uma escola multicultural estudando também numa escola islâmica durante a semana. Após a conclusão do ensino a tempo integral, ela decidiu tirar um ano sabático. Os pais dela tinham-na pressionado durante muito tempo para ela obter um diploma universitário e ficaram muito contentes quando ela ganhou uma oferta da universidade local. Hanifa, no entanto, estava desmotivada e confusa. Ela implorou por mais um ano sabático e os seus pais mais uma vez cederam. Ela teve uma série de profissões; sobretudo como assistente de atendimento ao cliente em retalho ou a cuidar de reformados. Apesar dos seus esforços os anos em que estava parada não foram produtivos. Depois, com 20 anos, ela finalmente começou a sua formação universitária. Ela de imediato ficou deprimida devido à pesada carga de trabalho mas também devido à sua incapacidade em se relacionar com os colegas. Ela era uma hijabi, eles eram liberais. Incapaz de encontrar pessoas da 'sua própria espécie', ela encontrou a amizade em mulheres idosas de origem duvidosa. Os pais foram forçados a testemunhar a transformação repentina da Hanifa de ' hijabi calma e respeitosa' numa desmazelada e vagabunda'.

Os seus companheiros eram todos muito mais velhos do que ela (que estava ainda no início dos seus 30 anos) e tinham-se comportado de forma decadente ao longo das suas vidas. Os dias dela eram passados em boates e a fazer relações sexuais casuais com estranhos. Todos os 'amigos' de Hanifa eram divorciados ou separados. Eles tinham filhos dos casos extraconjugais ou fora do casamento e, por isso, foram 'excomungados' pela comunidade paquistanesa. O abuso de substâncias é particularmente prevalente no grupo de Hanifa e os seus pais ficaram arrasados com as decisões que ela tomou.



Hanifa abandonou de imediato a universidade, referindo como razão 'problemas de ansiedade social'. Aparentemente, o seu relatório psiquiátrico indicou que sofria de depressão clínica. Se ela sofreu várias tentativas de suicídio é desconhecido, mas familiares próximos testemunharam essa necessidade de se auto-prejudicar. Segundo rumores, Hanifa começou a 'experimentar' a sua sexualidade e o lesbianismo foi a gota de água. Numa tentativa de 'tirar' a filha da situação, eles se prepararam o seu casamento com um cavalheiro agradável, jovem e respeitável. Ele era seu parente distante e tinha um trabalho bem-sucedido e estabilidade emocional. Hanifa inicialmente contestou a decisão, teve várias discussões mas depois consentiu. Aparentemente chorou durante toda a cerimónia de casamento, no entanto, eu conheci-a a cerca de um mês atrás, no salão da comunidade e ela pareceu-me muito bem. A sua transformação repentina surpreendeu a comunidade. Ela tinha feito um bom corte de cabelo e agora voltou para a sua antiga universidade. Depois de dois anos de casamento, ela teve um bebé lindo e está ativamente envolvida em vários projetos de construção da comunidade. Ela fala com admiração sobre seu marido, afirmando as suas opiniões liberais como uma inspiração. Aparentemente, a cortesia e o comportamento dele impressionaram-na bastante. Acredito que o público em geral precisa entender que os casamentos forçados não ocorrem por crueldade mas por desespero. O 'amor duro' é praticado como uma tentativa de beneficiar a criança, não para a prejudicar.

#### Citação 7 - Casamento Forçado?

A Rita é uma adolescente paquistanesa de terceira geração a frequentar uma escola multicultural em Londres. Ela é de uma família de classe média estável, e os seus pais têm uma base de educação sólida. A mãe dela nasceu no Reino Unido e frequentou a escola secundária em Bolton, enquanto que o seu pai emigrou do Paquistão para o Reino Unido. Ele entrou num casamento arranjado, com o objetivo de procurar uma vida melhor do outro lado da 'lagoa'. Ela é uma hijabi, profundamente religiosa e tem amigos predominantemente muçulmanos com o mesmo fundo cultural. Ela é franca e argumentativa, bastante agressiva e muitas vezes é considerada pelo corpo docente como sendo 'difícil de controlar'. Ela fazia parte da autoridade local do 'Departamento Juvenil' há vários anos e planeava iniciar uma carreira de sucesso na política. Enquanto mostrava um grande talento como jovem advogada pelos direitos dos jovens das minorias étnicas em Londres mas entrou num casamento arranjado com 17 quando ainda estava no primeiro de seis anos. O seu primo, que tinha acabado de obter o certificado de ensino secundário, também entrou num casamento arranjado e ambos se mudaram para Bolton. Aos professores do secundário foi dito que as meninas estavam a mudar-se para Bolton por razões familiares. A Rita manifestou inquietação sobre a sua mudança ao professor de História, focando a sua falta de qualificações e preocupações sobre as oportunidades a nível da educação. Ela não mencionou o casamento arranjado ou a possibilidade de deixar a escola integralmente. No entanto, de acordo com aquilo que tenho ouvido ela está de momento a gozar a vida de casada. O seu primo mais novo acredita que ela está grávida do primeiro filho. Como seus amigos da escola ainda não ouvimos nada por parte dela - tem sido um ano sem notícias.

### Citação 8 - Negociando a forma de sair de um casamento forçado

la ser arranjado um casamento a uma amiga minha. A irmã dela casou-se quando ainda era muito nova, mas não foi pressionada a fazê-lo, ela assim o quis. Ela não estava a fazer nada e estava sempre em casa, por isso estava feliz por fazê-lo. A minha amiga tinha 17 anos, estávamos na faculdade a falar sobre o início da Universidade no ano seguinte, quando começaram as negociações em torno do seu casamento porque a sua irmã também se casou por volta dessa idade. Ela recusou-se e disse que queria ir para a universidade, mas o seu pai continuou a planear tudo e ela estava a ficar emocionalmente afetada e a chorar muito dizendo 'a minha vida acabou'. Ela nunca se impôs, ela pensava que ele não iria ouvi-la. Encorajámo-la a falar com a família. A mãe dela faleceu quando ela era ainda muito nova e tinha muitos irmãos mais novos. Ela era uma espécie de mãe, cozinhava, limpava e cuidava dos irmãos. Ela estava muito chateada por ir-se embora também por essa razão, então sugerimos que ela falasse com o pai, dizendo que se ela fosse embora, ninguém iria estar lá para cuidar deles. Isso convenceu-o a esperar mais tempo, então ele disse que ela poderia terminar a universidade e assim que os seus irmãos e irmãs fossem mais velhos ela poderia casar-se. Ela teve a coragem de falar por si própria e por isso foi para a universidade. Algumas pessoas acham que não conseguem ser tão fortes e por isso deixam que isso lhes aconteça. Se a pessoa for franca pode alterar a sua situação mas se a pessoa não for a situação pode facilmente acontecer-lhe. Obviamente, às vezes a pessoa não tem controlo sobre a situação. Eu penso que para a minha amiga foi importante ter-nos a ajudá-la a delinear planos para sair dessa situação difícil.